

I Encontro de Estudos Árabes em Diálogo

Caderno de Resumos



CENTRO DE ESTUDOS ÁRABES - USP

مركز الدراسات العربية



ffICh



Universidade de São Paulo

I Encontro de Estudos Árabes em Diálogo

Promoção:

Centro de Estudos Árabes (CEAR-USP)
Departamento de Letras Orientais (DLO-USP)

Comissão organizadora:

Michel Sleiman (docente do DLO-USP)
Fernanda Mendes (pós-doutoranda do DLO)
Maria Carolina Gonçalves (doutoranda do PPG-LETRA)
Pedro Martins Criado (doutorando do PPG-LETRA)
Vitória Perpétuo Bruno (doutoranda do PPG-HE)

Conselho científico:

Arlene Elizabeth Clemesha (USP)
Beatriz Bissio (UFRJ)
Christina Stephano de Queiroz (FAPESP/Unifesp)
Emiliano Unzer Macedo (UFES)
Felipe Benjamin Francisco (USP)
Fernanda Pereira Mendes (USP)
Francirosy Campos Barbosa (USP)
Isabelle Christine Somma de Castro (USP)
Jemima de Souza Alves (USP)
Mamede Mustafa Jarouche (USP)
Michel Sleiman (USP)
Safa Jubran (USP)

Apoio:

Centro de Estudos Palestinos (CEPal) - USP
Editora Tabla
Instituto da Cultura Árabe (ICArabe)
Programa de Pós-Graduação em História Econômica (PPG-HE) - USP
Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução (PPG-LETRA) - USP

“A loucura de ser palestino”: Mahmoud Darwish e a escrita da identidade nacional a partir do Diário de um Cidadão sem País

Gabriel do Lago Loureiro¹

A presente pesquisa busca analisar a construção de uma identidade nacional palestina na escrita de Mahmoud Darwish, especificamente a obra *Diário de um Cidadão sem País*. Mahmoud Darwish foi um membro importante da *intelligentsia* palestina, um poeta, jornalista e escritor, filiado à OLP e aliado de Yasser Arafat, com suas obras tendo grande alcance. O *Diário de um Cidadão sem País* traz um relato da vivência de um palestino sob a ocupação israelense, com direitos reduzidos e sujeitos a punições severas pelas menores infrações. Escrito durante seus diversos cativeiros, *O Diário* foi publicado após seu exílio em 1970. A partir da escrita de Darwish, busca-se estudar sobre como a identidade palestina é construída, como esta se relaciona com a memória do que foi perdido no conflito com Israel e na tragédia constante da *Nakba*, assim como a relação inerente do nacionalismo palestino com o exílio e o refúgio, sendo este exílio em alguns casos dentro da própria Palestina, com suas vilas natais sendo apagadas do mapa e com a mobilidade dos palestinos reduzida pelas autoridades israelenses. A partir da posição autoral de Darwish é possível trazer temas pertinentes de como uma nação se forma ante à adversidade constante e repressão de seus símbolos e identidade e qual é o papel do intelectual autor neste processo.

Palavras-chave: Palestina; Nacionalismo; Identidade Nacional; Literatura; Mahmoud Darwish.

¹ Mestrando pela UNIFESP.

O Museu das Memórias e do Patrimônio Popular de Chatila e suas possibilidades educativas

Renata Nascimento y Mansour²

O trabalho examina, em caráter preliminar de pesquisa de doutorado, os aspectos educativos observados no Museu das Memórias e do Patrimônio Popular (متحف الذكريات والتراث الشعبي), localizado em Chatila, campo de refugiados palestinos, na cidade de Beirute, no Líbano, fundado após o massacre de Sabra e Chatila, em 1982. A investigação proposta vem analisando a elaboração do discurso pedagógico da Museologia, como ciência, para identificar como se dá o processo de construção de identidades favorecido pelas metodologias educativas no Museu das Memórias e do Patrimônio Popular de Chatila, bem como seus conflitos com outros procedimentos análogos que se dão fora dele, enfatizando a necessidade de se criarem condições para a aceitação social das diferenças, com destaque para o papel do aludido museu na construção e na reorganização de novas composições sociais. Focalizamos o modo pelo qual o museu, compreendido como espaço diferenciado de produção de saberes interdisciplinares, realiza, por meio do conjunto de sentimentos e emoções traduzidos por intermédio dos objetos de memória recolhidos e expostos pelos refugiados palestinos, seus processos educativos de dinamização e agenciamento, tornando estes objetos, patrimônios capazes de garantir a permanência no tempo de referências de memória de povos destituídos, espoliados de seus direitos fundamentais. Trata-se de fazer emergir, mediante problemáticas de ordem global, sob o prisma universal da justiça e da ética nos direitos humanos, em diálogo com as políticas culturais e conjunturais mundiais, metodologias educativas interculturais em museus, capazes de transgredir as imposições colonizadoras e de construir consciências identitárias em processos de patrimonialização democráticos, participativos e emancipatórios, a partir de uma história de exclusão social colonialista das mais terríveis.

Palavras-chave: Museu; Museologia; Patrimônio Popular Palestino.

² Doutoranda pelo PPGPMUS/UNIRIO-MAST.

Impactos socioeconômicos da Nakba: os campos de refugiados na Cisjordânia

Lissa Marchesini dos Santos³

A Nakba é um evento central na história palestina moderna, que moldou a sociedade e afetou gerações de palestinos ao longo dos anos. A pesquisa que o projeto apresenta pretende investigar e analisar os impactos socioeconômicos desse processo contínuo e inacabado sobre os palestinos de campos de refugiados na Cisjordânia, com foco na região de Tulkarem. Palestinos que fixaram moradia em campos de refugiados são originários principalmente de vilarejos do interior e foram forçados a deixar suas terras em 1948 quando os ataques sionistas se tornaram estratégicos e organizados. Fatores como emprego, renda, escolaridade, habitação e desigualdades sociais serão levados em consideração ao longo da pesquisa. A pesquisa combina revisão teórica e levantamento empírico. Dados do Censo Palestino de 2017 indicam que 42,5% da população palestina é composta por refugiados, sendo 27% na Cisjordânia. Em Tulkarem, cerca de 40 mil palestinos vivem em dois campos de refugiados, enfrentando taxas de desemprego e pobreza significativamente mais altas que o restante da população. Na segunda etapa da pesquisa, serão realizadas entrevistas com sobreviventes da Nakba para aprofundar a análise e compreender tais impactos em suas vidas. O estudo busca dar visibilidade à realidade dos refugiados palestinos na Cisjordânia, destacando sua condição paradoxal de serem refugiados em sua própria terra.

Palavras-chave: Nakba; Refugiados; Cisjordânia; Campos de refugiados; Impactos socioeconômicos.

³ Programa de Pós Graduação em História Econômica - FFLCH/USP.

A Nakba em andamento: escrita da história e resistência palestina

Carolina Ferreira de Figueiredo⁴

Esta comunicação tem por objetivo apresentar reflexões acerca da escrita da história contemporânea da Palestina e seus desenvolvimentos, em sua relação intrínseca com a realidade e a resistência palestina, ao longo do século XX e nas primeiras décadas do século XXI. Como desdobramento de pesquisa publicada em artigo no ano de 2024, o foco das discussões será conceituar e refletir sobre as significações da Nakba, palavra referida como catástrofe, e utilizada como compreensão do processo de expulsão e violência vivenciada pela população palestina desde 1948, quando foi criado o Estado de Israel. Nesse âmbito, a partir de uma abordagem historiográfica, buscaremos apresentar a organização do termo, seus usos e primeiras problematizações, partindo do livro do historiador Constantine Zurayq, *Ma'na al-Nakba*, publicado em 1948. Conjuntamente, buscaremos traçar transformações do conceito e suas dimensões em uma historiografia mais recente, sobretudo a partir da década de 1980, com produções de obras de autores(as) como Rashid Khalidi, Nur Masalha, Nahla Abdo, Rosemary Sayigh, entre outros. Implicado em nosso tempo presente, com o genocídio em Gaza e a contínua ocupação israelense, será possível aprofundar na compreensão da Nakba como um processo em andamento, e não apenas um termo que designa a catástrofe de 1948, e, portanto, uma formulação central entre palestinos(as), para a luta anticolonial e que, portanto, atravessa gerações e debates acadêmicos. É possível ainda problematizar como a Nakba denomina a compreensão de temporalidades da história recente da palestina, como marco temporal (histórico, nacional e traumático), como atualidade e reatualizações de violências, dimensionando, desta maneira, as possibilidades de existência e resistência a partir da luta política, do território e da centralidade da memória na/da Palestina.

Palavras-chave: Palestina; Nakba; escrita da história; resistência.

⁴ Docente na Universidade Federal do Espírito Santo/UFES.

Taqsim & Tarab: uma etnografia sonora do exílio palestino

Isabella Almeida de Abreu Aquino⁵

Nesta comunicação, proponho, a partir da antropologia do som, refletir sobre a experiência exílica de músicos palestinos radicados na cidade de São Paulo. Inspirada na proposição da antropóloga Lila Abu-Lughod (1991) acerca de “etnografias do particular” - isto é, um fazer etnográfico que privilegia a história de indivíduos localizados no tempo e no espaço, investigo as memórias e trajetórias de Saleh, Ismail, Numan e Ahmed, músicos palestinos provindos respectivamente da Síria, Cisjordânia, Jordânia e Faixa de Gaza. Por meio de duas noções centrais da musicalidade árabe: *taqsim*, a improvisação instrumental, e *tarab*, um estado profundo de encantamento ou êxtase suscitado pela performance musical, busco perscrutar os regimes de apreciação, escuta e produção sonora imiscuídos no cotidiano dos meus quatro interlocutores. Atenta a essas manifestações sonoras do cotidiano, procuro abordar nuances das vivências de um exílio sem previsão de fim, por meio de uma compreensão ampla do som e da música em seu potencial sensorial, expressivo e evocativo. Desse modo, a construção e afinação de um alaúde, a memória de canções de ninar cantadas pelos pais na infância, um *taqsim* feito no silêncio do lar ou a apreciação de uma canção de Fairuz com uma xícara de café pela manhã constituem alguns exemplos de como engajamentos sonoros ditam ritmos e tons do cotidiano, e além disso, comunicam dimensões muitas vezes não verbalizadas da experiência de desterramento e ruptura vividas pelos palestinos.

Palavras-chave: Palestina; música; *tarab*; *taqsim*; exílio.

⁵ Mestranda pelo PPGAS da USP.

Aproximações Palestina e Brasil em constelações de imagens que se espelham

Ana Caroline de Almeida⁶

Em que medida a produção de arquivos palestinos e os desdobramentos estéticos dos usos desses arquivos reverberam quando colocados lado a lado de imagens criadas pelo campo das artes no Brasil? Quais as linhas de força estéticas que aproximam esses territórios? A partir de uma relação de trabalho direto com curadoria de cinema palestino que vem se dando de dentro do trabalho há cinco anos na Mostra de Cinema Árabe Feminino e em outras ações curatoriais com cinematografias produzidas por artistas palestinos, esta comunicação propõe produzir constelações de imagens que serão aglutinadas por vibrações e intensidades simbólicas em comum entre Palestina e Brasil. O objetivo é criar proposições expositivas que estabeleçam laços estéticos formais entre imagens que também espelham lutas e desafios em comum aos dois territórios. Algumas das constelações pensadas e que serão desdobradas em um exercício reflexivo dentro e para além das bordas das imagens relacionam diretamente uma famosa foto da militante brasileira pela reforma agrária Elizabeth Teixeira e seus filhos com uma outra foto, de 1989, achada no The Palestinian Museum Digital Archive, em que uma mulher posa também ao lado dos filhos e uma de suas crianças segura a foto do pai levado pelo estado de Israel, assim como também criam uma ponte direta entre uma foto da artista brasileira Ayla de Oliveira, tirada no mar de Brasília Teimosa, bairro do Recife, e uma cena, também no mar, do filme *Electrical Gaza*, da diretora palestina Rosalind Nashashibi. A proposição é expandir as forças de aproximação entre essas visibilidades por uma sobrevivência patética (Warburg) que as colocam em diálogo direto.

Palavras-chave: cinema palestino; constelações; curadoria.

⁶ Pesquisadora e curadora independente com doutorado pela UFPE.

No Paraíso do Esquecimento: narrativas mítico-religiosas na obra de Mahmud Darwich

Jamile Santos Santana⁷

Essa comunicação tem como objetivo apresentar os resultados da dissertação de mestrado intitulada “No Paraíso do Esquecimento: narrativas mítico-religiosas na obra de Mahmud Darwich”, defendida no segundo semestre de 2023. O trabalho buscou identificar e refletir como as narrativas mítico-religiosas são fundamentais na produção literária de Mahmud Darwich, escritor palestino, e por isso se destacam em suas obras. Para isso, utilizamos pressupostos teóricos encontrados em Mircea Eliade, Ernst Cassirer e Paul Ricoeur sobre mito, linguagem, interpretação e “mundo do texto” para entendermos pontos-chave acerca do mítico-religioso na poética darwichiana. Além disso, temas como a memória e a ausência desta, o exílio e o processo de reconhecimento e autoderminação do ser árabe-palestino, individual e coletivamente, também foram discutidos. A importância de trabalhar a poesia palestina se dá em vários níveis: o primeiro deles, e mais à superfície seria tornar a obra de Darwich, e a poesia árabe em geral, mais conhecido do público-leitor brasileiro, e a partir disso conhecer a potencialidade e a importância de ler poesia fora do eixo norte global, abrindo novos pontos de perspectiva para construção de elementos significativos ao imaginário e à cultura de outras comunidades, o fazer poético que perpassa processos de colonização, exílio e de recente apagamento extensivo da memória e herança palestina em sua terra. Nesse sentido, a poesia de Darwich é a “persistência da pedra”, lutando contra o esquecimento e o desaparecimento, em meio à violação de direitos humanos universais.

Palavras-chave: mito; religião; memória; poesia; Palestina.

⁷ Egressa, Programa de Pós-graduação Humanidades, direitos e outras legitimidades (PPGHDL), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP).

Por uma poética do exílio: Darwich e o testemunho das crianças na narrativa palestina pós-Nakba

Ruben Maciel Franklin⁸

No livro “Diário da tristeza comum”, de 1973, o poeta palestino Mahmud Darwich se move para o território da prosa, escrevendo ensaios em que mescla factos históricos, memórias pessoais, reflexões políticas e imaginação poética. Tal elasticidade da escrita, e mais, do narrar a história - da Nakba e suas implicações coletivas - se faz pela conversação entre o autor do agora e sua figura de criança, sendo esta última o símbolo- testemunha do exílio que abre perguntas incômodas para o primeiro e seus leitores, instigando-os sobre roteiros encobertos de eventos e discursos, como que operacionalizando uma “descolonização da história”. Partindo de Darwich, observamos que a figura da criança, em seu papel questionador, de descoberta e de espanto com relação as coisas, é um traço que movimenta a literatura e arte palestina pós-Nakba, habilitando a reconstrução do passado por intermédio de imagens que, embora fragmentadas, despertam horizontes subversivos e inesperados de interpretação (e comunicação). Nessa linha, temos os cartoons de Naji al-Ali, com seu personagem Hanthala, a criança observadora que captura os sentimentos dos refugiados, os textos memorialísticos em forma de poesia ou novelas, tais como de Ghassan Kanafani e Isabella Hammad, e a ver a filmografia (Ismail) ou a própria fala das crianças em documentários (Nascido em Gaza), obras de datações diversas, e que a partir do jogo retrospectivo/introspectivo do universo infantil reinventam os percursos de leitura, escrita e interpretação histórica não apenas da formação identitária palestina mas de povos subalternizados como um todo.

Palavras-chave: Nakba; narrativa; poesia; Darwich; crianças.

⁸ Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira.

Os tempos da Nakba e a catastrofização do tempo

Nina Fernandes Cunha Galvão⁹

A comunicação apresenta algumas das reflexões desenvolvidas na pesquisa de doutorado em andamento da autora, intitulada “O Tempo Palestino: Catástrofe, Retorno e Imaginação Política”. Propõe-se uma análise da questão da Palestina em suas dimensões temporais, centrada no modo como a catástrofe (*al-Nakba*) e o retorno das centenas de milhares de pessoas que foram transformadas em refugiados pela criação do estado de Israel em 1948 tornaram-se o ponto focal do tempo palestino. A partir da constatação de que o regime colonial sionista se imagina como eterno, e procura produzir a eternidade do seu domínio no território da Palestina, compreende-se o conceito palestino *al-Nakba al-mustamirra* (“a catástrofe contínua”) como uma tradução do esforço colonizador para *catastrofizar* o tempo. A fantasia de uma eternidade do domínio colonial é, nesse contexto, derramada sobre o presente, o passado e o futuro, no esforço de produção de um território que sempre foi, é e será exclusivamente judeu. Os palestinos, portanto, não lembram a *Nakba* no sentido estrito da palavra, eles a vivem cotidianamente. Ao mesmo tempo, comemoram-na anualmente, como evento, no dia 15 de Maio, data que foi transformada por aqueles que perpetraram a expulsão de quase um milhão de pessoas do território da Palestina em 1948 em um festivo feriado nacional, o Dia da Independência. Assim, como aponta Ariella Azoulay, a *Nakba* é compreendida em Israel, na melhor das hipóteses, como uma catástrofe “do ponto de vista deles”. A comunicação pretende refletir sobre as múltiplas temporalidades da *Nakba* (como evento, duração e continuidade) enquanto modulações da catastrofização do tempo produzida pelo sionismo, e compreender como a sua mobilização por ativistas palestinos em diferentes esforços de resistência oscila entre uma memória-prisão e a potência de uma imaginação política que descatastrofiza o futuro e coloca a *Nakba*, definitivamente, no passado.

Palavras-chave: Palestina; Nakba; catástrofe; tempo.

⁹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisadora do Azimute - Laboratório de Estudos Orientais da UFRJ.

Ibn Battuta em África: possíveis hierarquizações e racializações sobre o Manden Kurufaba e a Costa Swahili

André Luís Gomes Soares¹⁰

Esta comunicação pretende apresentar parte da pesquisa relacionada a minha dissertação de mestrado em História pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Minha pesquisa gira em torno de uma das paragens do viajante magrebino ibn Battuta. Para esta apresentação, irei trazer um breve resumo do recorte de minha dissertação que está em construção. Desta forma, pretendo desenvolver, a partir de um pequeno recorte, as impressões e percepções de ibn Battuta sobre as populações africanas visitadas por ele, em específico, a sociedade do Manden Kurufaba, no caso, popularmente conhecida por “Império do Mali”, além do contato que teve também com populações da “África Oriental”, ou “Costa Swahili”, como a região de Kilwa. Tentaremos entender, a partir deste recorte, o porquê de ibn Battuta transparecer reações, comportamento ou impressões diferentes para com estas regiões, e respectivamente, suas populações, doravante o que já conhecemos sobre essas duas regiões e como eram referidas distintamente como, *Bilad al-Sudan* e *Bilad al-Zanjs*. Desta forma, sob o olhar de ibn Battuta, além do conhecimento inicial que havia uma distinção entre essas sociedades, procuraremos entender quais eram estas diferenças, além das percepções de ibn Battuta sobre questões de diferenciações culturais e raciais, baseadas em marcadores fenotípicos e epidérmicos. Para concluir, nosso interesse nesta pesquisa, é tentar entender se havia alguma espécie de diferenciação, ou hierarquização racial, por parte de ibn Battuta, a partir de seu olhar de um homem norte-africano, representante de uma importante vertente jurídica islâmica, que viveu no século XIV.

Palavras-chave: ibn Battuta; Mali; Costa Swahili; Hierarquização.

¹⁰ Mestrando vinculado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS-UFPR), sob orientação do Prof. Dr. Otávio Luiz Vieira Pinto.

Genealogia e tempo histórico em Mūsa Kamara (Senegal, século XX)

Rafaél Antônio Nascimento Cruz¹¹

Escrita entre 1920 e 1925 em língua árabe, a obra *Zuhūr al-basātīn fī tāriḥ al-sawādīn* [Florilégio no jardim da história dos negros] é o mais importante texto de autoria do xeique senegalês Musa Kamara (1864-1945). O seu principal tema é a história dos movimentos reformadores islâmicos no Futa Toro, região do médio vale do rio Senegal, nos séculos XVIII e XIX, ainda que a obra trate também de outros contextos islâmicos de forma breve. Mūsa Kamara apresenta um espaço de experiência marcado pela aceitação do domínio colonial francês e a transformação da perspectiva escatológica islâmica quanto ao fim do mundo. Entre os séculos XV e XIX, a ideia de que o fim do mundo estaria em vias de acontecer era um elemento central no tempo histórico vivido pelos oeste-africanos muçulmanos. Nesta comunicação, objetiva-se analisar a compreensão de tempo histórico apresentada por Mūsa Kamara em sua obra a partir do seu diálogo com o campo de conhecimento islâmico da genealogia [*ilm al-'anasāb*], na qual questiona ou legitima reivindicações genealógicas dos personagens históricos oeste-africanos que examina. Neste expediente, Mūsa Kamara questiona alguns movimentos políticos levados a cabo por autoridades islâmicas na região da África do Oeste. A proposta se justifica por acreditarmos que a análise da abordagem genealógica é um meio profícuo para compreender a maneira pela qual Mūsa Kamara articula passado, presente e futuro, rompendo com o paradigma de tempo histórico em vigor até então.

Palavras-chave: Tempo histórico; genealogia; islã; Senegal.

¹¹ Doutorando, Universidade de São Paulo.

Uma História para Contar: Os Árabes em Nea Pafos

Leandro Gatti¹²

Chipre, a terceira maior ilha do Mediterrâneo, localizada próxima à costa da Ásia Menor, sempre foi um ponto-chave devido à sua abundância de recursos naturais, rotas comerciais estratégicas e importância militar. Parte integrante do Império Romano desde o século I até o IV EC, sua capital era Nea Pafos, uma cidade de grande relevância na administração romana da região. Com a desintegração do Império Romano do Ocidente, Chipre passou a fazer parte da esfera de influência do Império Bizantino, e sua capital foi transferida para Salamis, na costa leste da ilha. A partir do século VII EC, com a expansão territorial dos árabes sob a dinastia Omíada, Chipre tornou-se um campo de disputa entre os impérios bizantino e árabe. Durante esse período de rivalidade, a ilha foi administrada de forma compartilhada, por meio de um arranjo político, conhecido como condomínio. Nesse sistema, a ilha era coadministrada por ambos os impérios. Neste contexto, a presença árabe na região de Pafos será explorada por meio do registro arqueológico, focando em inscrições epigráficas, moedas e outros vestígios materiais, que oferecem um olhar detalhado sobre as interações entre as culturas bizantina e árabe. Através dessa análise, buscaremos entender quais foram os impactos dessa presença árabe na cidade de Pafos e na ilha como um todo, e as transformações ocorridas durante esse período de trocas e tensões.

Palavras-chave: Nea Pafos; Chipre; Império Bizantino; Omíadas; Arqueologia.

¹² Mestrando, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

Viagens, impérios e representações: o oriente otomano como destino turístico europeu

Alaor Souza Oliveira¹³

O século XIX marcou uma profunda transformação no Império Otomano através de um intenso processo de modernização. Este período, iniciado com a invasão napoleônica do Egito em 1798 e estendendo-se até a dissolução do império em 1923, redefiniu as bases de legitimação do poder imperial, as relações com seus territórios e súditos, e seu posicionamento na sociedade internacional. Neste contexto de transformações, o Império Otomano tornou-se um caso singular para o estudo da história do turismo. Este fenômeno pode ser analisado tanto pela perspectiva das relações desiguais entre a Europa Ocidental e o Oriente durante a formação dos impérios coloniais modernos, quanto pelas estratégias desenvolvidas pelas comunidades locais frente ao crescente fluxo de viajantes estrangeiros. Com 1848 tradicionalmente considerado o marco do turismo moderno, os territórios otomanos ocuparam posição central nos primeiros desenvolvimentos desta atividade. A instalação de escritórios da Thomas Cook & Son Ltd, primeira agência de viagens, no Cairo (1872), Jaffa (1874), Jerusalém (1881) e Constantinopla (1883) demonstra esta centralidade. Esta comunicação propõe uma análise do turismo no século XIX contextualizado nas transformações do Império Otomano e sua inserção na sociedade internacional europeia. Examina-se o fenômeno à luz da expansão euroimperial oitocentista, explorando como a representação dos territórios meso-orientais enquanto destinos turísticos para consumo europeu se articula com conceitos de império e orientalismos.

Palavras-chave: Império Otomano; imperialismo; orientalismo; história do turismo.

¹³ Egresso, Universidade Federal de Minas Gerais.

A *rihla* de um peregrino aragonês no século XVI: descobertas, interpretações e debates

Ximena Isabel León Contrera¹⁴

A partir de duas fontes documentais que tratam de um relato de jornada de viagem em forma de poema narrativo, buscaremos abordar aspectos intrínsecos à fonte manuscrita e aqueles sobre as análises feitas posteriormente em edição impressa decimonônica. Um dos documentos, a composição original manuscrita, foi datado primeiramente para princípios do século XVII, contudo, a época de composição sugerida em diversos estudos mais recentes passa a ser no começo do século XVI. Assim, a historiografia e estudos filológicos atuais sugerem a produção do texto original em época mudéjar em Aragão, antes, portanto de 1526, época das conversões forçadas dos muçulmanos nesse reino em consequência das Germanias. Conseqüentemente, o peregrino seria um muçulmano aragonês (mudéjar) que decide empreender a sua peregrinação a Meca, como obrigação de fiel. Este documento original foi descoberto no século XIX nos destroços das paredes de uma casa em demolição em Almonacid de la Sierra, e integra um conjunto de obras de diversos autores e assuntos, escritos em árabe e aljamia (Códice Miscelâneo XIII sob a guarda do CSIC). Em 1894 historiadores espanhóis traduziram e analisaram esse manuscrito, com impressão pela Real Academia da História de Espanha, sob o título de “*Las Coplas del Peregrino de Puey Monçón Viaje à la Meca en el siglo XVI*”, com edição de Mariano Pano y Ruata, configurando-se como a segunda fonte documental aqui referida. A nossa apresentação tratará de situar estes documentos no tempo, suas peculiaridades em termos do conteúdo (segundo Khedr o texto original teria pretensões religiosas e didáticas), observando algumas das questões a partir delas produzidas, tais como a datação, aspectos da materialidade do documento manuscrito conforme descrito na edição do século XIX, bem como a sua interpretação e a contextualização de certos ritos muçulmanos referentes à *rihla* nessa mesma edição. Abordaremos, ainda que de modo panorâmico, a historiografia das *rihlas*, na qualidade de gênero de enorme popularidade em todo o mundo, inclusive em Época Moderna.

Palavras-chave: *rihla*; mudéjar; Ibérica Moderna; aljamia; orientalismo.

¹⁴ Egressa, Universidade de São Paulo.

Disputas de narrativas acerca do uso de terrorismo e contraterrorismo na Argélia (1954-1962)

Maria Júlia Viana Matoso¹⁵

Este trabalho analisa as disputas de narrativas sobre o uso do terrorismo e do contraterrorismo durante a Revolução Argelina (1954-1962) por meio de memórias de militares franceses e de militantes da Frente de Libertação Nacional e de seu exército. O intuito é refletir criticamente sobre como justificam suas ações e sobre a construção dos conceitos de terrorismo, contraterrorismo e terrorismo de Estado, sobretudo em contextos coloniais. Oficiais como Roger Trinquier, Paul Aussaresses e Jacques Massu justificam medidas como tortura e execuções sumárias como necessárias para obter informações e prevenir ataques terroristas. No entanto, identificamos seu uso para intimidação da população e a desumanização dos argelinos, o que revela a relação entre contraterrorismo, terrorismo de Estado e colonialismo, desafiando a ideia de que o contraterrorismo seria apenas uma resposta à insurgência. A perspectiva estatal frequentemente exclui sua própria violência repressiva da definição de terrorismo, obscurecendo a continuidade entre colonialismo e contraterrorismo. Por outro lado, militantes da FLN, como Zohra Drif, Yacef Saadi e Frantz Fanon, justificaram atentados urbanos como parte da luta anticolonial. Esses autores apresentam importantes reflexões sobre o uso do terrorismo como tática, e suas narrativas permitem compreender a questão complexa e frequentemente controversa do terrorismo no contexto da Guerra de Independência da Argélia. Esses autores não evitam o uso do termo “terrorismo”, mas o abordam de forma crítica, oferecendo uma perspectiva nuançada que desafia suas associações convencionais com a violência arbitrária. Assim, este trabalho investiga como as memórias desses atores contribuem para a construção de diferentes entendimentos sobre terrorismo e contraterrorismo. Ao confrontar essas perspectivas, o estudo evidencia como as definições desses termos são profundamente politizadas e vinculadas a estruturas de poder colonial e imperial.

Palavras-chave: Terrorismo; contraterrorismo; Argélia; colonialismo; violência.

¹⁵ Mestranda, UFMG.

Sisi, Dez Anos Depois: Desafios domésticos, regionais e sistêmicos do Egito Contemporâneo após os tempos da Primavera Árabe (2014 – 2024)

Mateus José da Silva Santos¹⁶

Após quase dois anos de uma turbulenta transição política a partir da queda de Hosni Mubarak, o Egito abriu uma nova página na sua história contemporânea com a ascensão do General Abdel Fatah Al-Sisi. Presidente do país desde 2014, o ex-Ministro da Defesa do Governo Morsi introduziu uma série de mudanças econômicas, políticas, sociais, culturais e ideológicas que se refletiram em alterações na estrutura do Estado a partir de um novo padrão de acumulação de capital, a acomodação de diferentes forças políticas que sustentaram a ruptura de 2013, bem como o aprofundamento de mudanças na inserção internacional do país a partir de uma lógica de diversificação de parcerias externas. Em meio às dificuldades econômicas vividas pelo país nesse contexto, a política externa reassumiu um papel estratégico diante da necessidade de mobilização de recursos e garantia de algum nível de segurança para o regime. Com base nisso, essa comunicação analisa os principais desafios domésticos, regionais e sistêmicos vividos pelo Egito após os tempos conturbados da Primavera Árabe, enfatizando a importância do reposicionamento regional e global do país de Al-Sisi e a necessidade de novas estratégias para a resolução de impasses político-institucionais e socioeconômicos em nível doméstico. Na intersecção entre a Análise dos Sistemas-Mundo e a Análise da Política Externa, busca-se compreender as principais características que envolvem o processo de reinserção do Egito em diferentes arenas regionais (África e Mundo Árabe), bem como o desenvolvimento de um processo de aproximação com o chamado mundo emergente que não perpassa por uma ruptura com a aliança com os EUA, cultivada desde meados dos anos 1970.

Palavras-chave: Egito; Al-Sisi; Primavera Árabe; Relações Internacionais; Análise dos Sistemas-Mundo.

¹⁶ Doutorando em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Árabes, nomadismo e ambiente: o racismo no discurso ambiental colonial francês durante a colonização da Argélia no século XIX

Jheniffer Caroline Oliveira Souza¹⁷

Esta apresentação tem como objetivo analisar a construção de um discurso ambiental racista pelos franceses a respeito dos árabes argelinos durante o século XIX. Para tal, recorrerá a revisão bibliográfica e análise de fontes. Como pretende-se demonstrar, a partir da construção do binômio árabe-nômade como significado de incivilidade, a colonização francesa expropriou grandes quantidades de terras e impediu o acesso e uso de áreas florestais pelas populações argelinas. Conceitos como o de nomadismo, para além de uma palavra que representa um modo de vida, foram utilizados como categorias construídas pelo colonialismo para caracterizar negativamente as populações árabes. No discurso colonial ambiental foi construída a ideia de que os árabes eram nômades “degradadores” e “desertificadores”. Ou seja, que seu modo de vida representado por práticas como o pastoreio era predatório e deveria ser impedido. Consequentemente, a construção desse discurso foi utilizada na legitimação da colonização e do uso da violência. Como resultado, a diminuição das propriedades e do pastoreio afetou de forma violenta a vida das populações que foram vulnerabilizadas. A análise do discurso ambiental colonial permite compreender como o colonialismo francês se valeu da construção de categorias racistas para legitimar suas práticas. Tratar os árabes como populações que destruíram o ambiente do território argelino com o nomadismo e o sobrepastoreio, deu aos franceses o pretexto para tomar desenfreadamente as terras. Para a construção desse discurso ambiental, os franceses se valeram inclusive de interpretações desonestas de fontes árabes medievais como os textos de Ibn Khaldun, ao visarem argumentar que na Antiguidade a Argélia era verde e fértil. Nesse sentido, a colonização também era legitimada pelo fato de que os franceses se consideravam como os “herdeiros de Roma” que deveriam recuperar e reflorestar o território.

Palavras-chave: Árabes; Nomadismo; Argélia; Colonialismo.

¹⁷ Mestranda, Universidade Federal de Minas Gerais.

A condição escrava nas regências otomanas do século XVIII e o impacto da construção imagética do muçulmano magrebino

Mylena Pereira da Silva¹⁸

O presente trabalho de pesquisa é um estudo parte da pesquisa pessoal de doutorado a respeito da escravidão islâmica, chamada também de escravidão branca, nas possessões de Argel, Túnis e Trípoli do século XVIII. Pretende-se, no entanto, analisar as experiências acerca da dinâmica conflituosa existente sobre a presença de escravizados cristãos europeus na Regência Otomana de Argel do Século XVIII sob a ótica uma qualitativa dos relatos de viajantes. A existência desses indivíduos, são exemplo da relação inseparável entre Estado europeu e Igreja Católica da época moderna, sua áspera relação com o Oriente árabe muçulmano do Magrebe e todo um discurso de representação mútua construído a partir dessa perspectiva. Percebendo a amplitude que a diplomacia otomano-argelina possuiu, será dada ênfase neste trabalho de pesquisa a algumas ponderações sobre os processos das capturas, cativo e redenção desses indivíduos, bem como algumas ideias sobre a representação do muçulmano no discurso moderno em vigência que as fontes auxiliam a construir. Situadas entre categorias como de cultura e poder, as polêmicas em torno do discurso sobre o Magrebe e o Islã revelam uma suposta legitimidade de “superioridade cristã ocidental”, construída ao longo do tempo por meio de cânones, textos, e gostos. Os inúmeros discursos anti ou pró-islâmicos refletem um deslumbramento, desconfiança e medo construídos por múltiplos esforços em reagir ao turco-árabe, antagônico, nos domínios próximos, seja por mar, ou por terra.

Palavras-chave: Representação; Magrebe; Escravizados; Cristãos; Islã.

¹⁸ Doutoranda, Universidade Federal Fluminense.

Literatura e política no mundo árabe: o impacto da primavera árabe no International Prize for Arabic Fiction

Catharina Seadi Pereira¹⁹

A produção literária árabe historicamente entrelaça nas suas narrativas questões políticas latentes à sociedade da região. Um exemplo claro em que isso pode ser observado é com o florescimento do fenômeno do *iltizam*, ou comprometimento, entre as décadas de 1950 e 1960, que defendia que o autor possuía uma grande responsabilidade civil em revelar a realidade política e social do mundo árabe e que se desdobrou durante o mesmo período na corrente literária da *al-adab-al-multazim* (conceito que pode, literalmente, ser traduzida como “literatura comprometida”). Eventualmente, o *iltizam* perdeu força, mas a tradição de introduzir demandas e temáticas sociopolíticas à literatura árabe seguiu sendo uma realidade continuada, ainda sendo observada na atualidade. Tal fato pode ser percebido em publicações literárias lançadas após a Primavera Árabe. Três romances vencedores do *International Prize for Arabic Fiction* (IPAF), tido como uma das principais premiações literárias do mundo árabe da atualidade, foram analisados: *Barīd al-Layl*, publicado originalmente em 2019 (Correio Noturno, em tradução própria), de Hoda Barakat; *al-Talyānī*, publicado originalmente em 2014 (O Italiano, em tradução própria), de Shukri Mabkhout; e *Frankishtayn fi Baghdad*, publicado originalmente em 2013 (Frankstein em Bagdá, em tradução própria), de Ahmed Saadawi. Hoda Barakat e Shukri Mabkhout afirmaram em entrevistas que os eventos da Primavera Árabe inspiraram essas histórias. Foram encontrados indícios de uma influência por parte dos acontecimentos e das aspirações da Primavera Árabe nesses três romances através da incorporação nas narrativas de questões que foram presentes durante e após o Levante de 2011, tais como a brutalidade das forças policiais contra a população, o empoderamento de grupos islamistas, guerras civis, crises migratórias e o impacto direto que esses acontecimentos tiveram sobre as populações árabes.

Palavras-chave: Literatura Árabe; *Iltizam*; Primavera Árabe; *International Prize for Arabic Fiction*.

¹⁹ Doutoranda, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A Dança das Almeias: As representações das dançarinas egípcias no relato de viagem de Eça de Queiroz, 1869

Francismara de Oliveira Lelis²⁰

Esta comunicação tem como foco central o relato de viagem de Eça de Queiroz, intitulado “O Egito – Notas de Viagem”, redigido a partir de sua experiência no Egito em 1869, durante as festividades da abertura do Canal de Suez. O texto, que só veio a público em 1946, publicado pelo filho do autor, José Maria, quase cinquenta anos após a morte do escritor português, oferece um olhar singular sobre as práticas culturais egípcias da época, em especial às apresentações de dança que podiam ser assistidas em festividades nas grandes cidades egípcias. Dentre os capítulos da obra queirosiana, destaca-se “A Dança das Almeias”, no qual Eça descreve as performances públicas das dançarinas conhecidas como *ghawazi*. A partir da análise desse capítulo, a apresentação explorará os adjetivos e metáforas utilizados por Eça de Queiroz para retratar as dançarinas, destacando como suas descrições se inserem no contexto do discurso orientalista. A recorrência do estereótipo da dançarina oriental nas narrativas de artistas e viajantes será discutida, considerando a simbologia que ele carrega: a figura da dançarina como epítome do território oriental, representando não apenas o exótico, mas também o sensual e o “outro”. Além disso, a análise buscará questionar essas representações, entendendo-as como chave para reflexões mais profundas sobre sistemas de opressão, especialmente aqueles relacionados a gênero, classe e colonialismo.

Palavras-chave: Eça de Queiroz; Dançarinas egípcias; relatos de viagem; orientalismo.

²⁰ Doutoranda, PPHR/UFRRJ e SEEDUC-RJ.

Isa al Masih no Fusus al-Hikam de Muhiyyddîn Ibn' Arabî

André Luis Lira Lemos²¹

Essa pesquisa pretende analisar a figura de Jesus, o profeta do Islam, *Isa al-Masih* (Ó Úngido) e sua correspondência com *Ruhullah* (Espírito de Deus) na obra *Fusus al-Hikam* (Selos da Sabedoria) (ARABI, 2019) de Muhiyyddîn Ibn' Arabî, o Šaiḥ al-Akbar, aprofundando e esclarecendo o tema, que tem relevância frente à crescente intolerância religiosa notada no Brasil e no mundo. Assim, propomos um caminho para compreensão dessa questão, tal como se apresenta na mística islâmica, à luz da filosofia. Outrossim, ao investigarmos o capítulo de *Fusus al-hikam The Seal of the Wisdom of Prophethood in the Word of 'Isa (Jesus)*⁷, Muhiyyddîn Ibn' Arabî, apresenta uma explicação detalhada da natureza de Jesus examinando o nascimento milagroso, os significados dos espíritos, a condição humana e divina bem como, as características simbólicas da água real de Maria e a água imaginária de Gabriel. Conforme isso, faremos um estudo de caso entre estes conceitos que se correlaciona e explicam as duas naturezas do profeta Isa, uma humana e a outra divina que são, *nâsûl*, locus sobre o qual o espírito é baseado e *lâhût*, a vida que se infunde nas coisas formando uma unidade. Nesse hiato, Muhiyyddîn Ibn' Arabî, esclarece a revelação corânica, e explica que o profeta Isa assume o atributo nominal de Espírito de Deus o que, segundo o místico, induz muitas vezes a crença errônea daqueles que atribuem a Isa o que ele não é, e acabam associando Isa a Maria e alguns a Gibrail enquanto outros a Allah, sem perceber o real significado da revelação. Enfim, tal explicação, institui um exame minucioso sobre a composição da identidade de Isa al-Masih e oferece um debate mais preciso sobre os significados da revelação corânica e a identidade do profeta Jesus dentro do Islam.

Palavras-chave: Natureza Humana; Natureza Divina; Jesus; Teofania; Espírito de Deus.

²¹ Graduando, Universidade Federal de São Paulo.

Entre a Tradição e o Afeto: O Legado do Sheikh Mabrouk no Centro Islâmico do Recife

Carolina Piornedo²²

A história da comunidade muçulmana de Pernambuco pode ser dividida em antes e depois da chegada do Sheikh Mabrouk. Embora os estudos sobre esta comunidade sejam ainda um movimento embrionário na Academia, existem poucas pesquisas sobre o Islam na cidade do Recife, além de ser uma comunidade relativamente nova, comparada com grupos muçulmanos mais numerosos e bem consolidados em outras partes do país. Percebe-se que uma rede de afetos foi tecida e segue sendo conservada através da figura do líder religioso egípcio Mabrouk El Sawy Said. Dito isto, a pesquisa é fruto de resultados preliminares das atividades realizadas em um Projeto de Extensão intitulado “Memória do Islã em Recife”, coordenado pelo Prof. Dr. Bruno Uchoa Borgongino (UFPE), e dos resultados preliminares da dissertação de mestrado intitulada “Quando Recife se Volta para Meca: Uma Análise sobre a Educação das Mulheres e a Identidade no Centro Islâmico da Cidade”, da qual a autora desta comunicação é responsável. Embora já exista uma biografia do Sheikh Mabrouk, esta pesquisa vai além do mero registro de sua trajetória, buscando compreender como sua memória é construída tanto de forma individual quanto coletiva no imaginário da comunidade. A partir dos relatos dos fiéis, a história oral é utilizada como principal metodologia para investigar de que maneira essa memória não apenas fortalece, mas também estrutura e transforma o senso de pertencimento e a identidade da comunidade islâmica no Recife. Com abordagem qualitativa, o estudo analisa sua trajetória no CIR a partir de sua produção intelectual, suas atividades educativas e seu compromisso com os muçulmanos, investigando os discursos que permeiam o imaginário coletivo e observando como sua influência permanece viva na comunidade através dos estudantes mais antigos, que repassam essa memória a novas gerações, mesmo que hoje sua vida esteja cartograficamente situada entre as fronteiras do Egito e do Recife.

Palavras-chave: CIR; islam; sheikh; Mabrouk El Sawy Said.

²² Mestranda, UFPE.

Morfologia da arte e caligrafia árabe a partir do movimento Hurufyyia

Diego Sampaio Dias Sperb²³

Proponho um ensaio de apresentação do movimento artístico árabe Hurufyyia (حروفية), cuja tradução literal significa “letras” e se identifica na tradição da arte de vanguarda do século XX com o estilo denominado “Letrismo”. Originário do século XX, sendo a pintora iraquiana Madiha Omar (1908-2005) considerada pioneira; e procedente da milenar arte da caligrafia do “Abjad”, foi atravessado pelo programa moderno nas artes, tornando-se um fenômeno em todos os países árabes – cujos artistas imprimiram qualidades particulares ao movimento, designando o ideário identitário das nações árabes em construção. Reconhecida a origem pictórica do movimento, apresentarei aquelas obras e artistas que possam ilustrar tais qualidades diferenciais historicamente consolidadas desse estilo – e.g. Mohammed Ghani Hikmat e Rafa Al Nasiri, Iraque; Ali Rafei, Líbano, Rachid Koraichi, Argélia; Omar El Nagdi, Egito etc.

Este ensaio partirá da reflexão de matriz morfológica e original proposto pelo artista palestino Kamal Boullata (1942-2019), cuja obra não se detém ao Hurufyyia, mas o contém. Apresentarei seus processos construtivos, relacionando com seu processo pictórico, marcadamente abstratos, que configuram diagramas caligráficos, num procedimento de decupagem que preserva o Abjad e seus diacríticos em cores e novos valores.

Palavras-chave: Poesia; Poesia Visual; Hurufiyya; Arte Árabe; Linguagem.

²³ Mestrando, Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP.

A contrapontística entre a filosofia Sufi e o pensamento ocidental na arte de Ibrahim El-Salahi

Luiz Carlos Zeferino²⁴

Apartir da observação da presença daquilo que é intitulado visão trágica de mundo (Lesky, 2015) na produção artística de Ibrahim El-Salahi (1930, Omdurman - presente), esta pesquisa investigou a interseção entre sua arte e a filosofia sufi, questionando as características do aparente o contraponto (Said, 1993), em que El-Salahi imprime ao sufismo os aspectos metafóricos e trágicos, sufis e aristotélicos, manifestando uma herança dos sábios árabes. El-Salahi é um artista sudanês, catalogado como modernista, amplamente reconhecido pela sua profundidade espiritual e pela integração de elementos da tradição sufi, no que diz respeito à valorização da linguagem artística. Enquanto o sufismo valoriza a expressão artística asceta porém otimista, é El-Salahi quem incorpora uma visão trágica do mundo. Das óticas metafóricas, sábios árabes como Avicena (Ibn Sina, 980-1037), Averróis (Ibn Rushd, 1126-1198) e Al-Farabi (872-950) desempenharam papéis cruciais na preservação e continuidade deste conhecimento, integrando-as na filosofia islâmica e garantindo a sua transmissão para o Ocidente. O saber que emana de Aristóteles contém um contraponto conceitual dentro da própria poética: a visão trágica e a visão poética do mundo. Essa perspectiva é visível nas obras de El-Salahi, onde a meditação sobre a condição humana, a efemeridade da vida e a busca por um significado transcendente são temas recorrentes. A “árvore de meditação” é uma metáfora em suas obras, simbolizando a busca contemplativa (Fritsch, 2018). Além disso, a abordagem “contrapontística” de El-Salahi representa a multiplicidade de perspectivas, refletindo a experiência humana (Ose, 2011; Hassan, 2012; Musa, 2014). Essa cosmovisão é relevante na era pós-moderna, onde a fragmentação e a pluralidade são características dominantes da sociedade. No entanto, a ênfase na contemplação, típicas da filosofia sufi, contrasta com os hábitos sociais contemporâneos, que valorizam a velocidade e a superficialidade.

Palavras-chave: Filosofia árabe; Sufismo; Arte modernista árabe; Poesia árabe.

²⁴ Egresso, MAC-USP.

Tinha um Caminho no meio do caminho: A revitalização do Fustat (Cairo antigo) e seus impactos nos caminhos das artes

Houda Blum Bakour²⁵

Esta pesquisa se propõe a investigar, a partir do centro cultural *Darb 1718*, de que forma os planos de modernização da cidade do Cairo vem impactando e reorientando práticas cotidianas e comunitárias em diferentes setores da sociedade caiota, especialmente no circuito e nos espaços de arte. O *Darb 1718* é, um Centro Cultural de Arte Contemporânea, fundado pelo artista plástico Moataz Nasr El-Din. O espaço tornou-se referência na cena cultural do Cairo, participando ativamente do cenário artístico local, nacional e internacional, com exposições, oficinas, residências artísticas e promoção de festivais como o *Nothing Else* que está em sua quarta edição. Em 2023, o *Darb* entrou na rota de reurbanização para a construção de um viaduto, recebendo uma notificação da necessidade de evacuação do espaço para sua demolição. Após sucessivos adiamentos nas negociações, Moataz e toda a equipe foram surpreendidos, em Janeiro de 2024, com a demolição da construção que abrigava o *Darb 1718*. Este ato, além de provocar um prejuízo material incalculável (a construção em si, equipamentos, obras de arte, objetos, livros) paralisou todas as atividades e projetos em curso. A partir deste evento, a presente pesquisa olha mais atentamente o cenário para pensar de que forma vem sendo construída a negociação dos espaços em transformação, a partir das categorias “modernização”, “ordenamento” e “preservação histórica”, vem sendo mobilizadas como legitimadoras do novo traçado urbano da região, e que nos conduz a uma atualização e caminho a ser investigado sobre a ideia de ‘egipcidade’.. Desta forma, quais espaços simbólicos estão em disputa? Como comunidades marginalizadas, muitas delas impactadas pelo atual projeto de urbanização, vêm reconstruindo seus caminhos? São perguntas que guiam o atual trabalho.

Palavras-chave: Egito; Arte Contemporânea; Transformação Urbana; Resistência.

²⁵ Link'ArtÁfrica / USP.

Clima, crise e memória nas crônicas mamelucas (século XIII)

Letícia Nogueira Vasconcelos²⁶

Nesta comunicação, pretendo apresentar um estudo sobre os registros de crises ambientais em crônicas produzidas no Egito mameluco. O foco dos documentos selecionados é sobretudo os feitos políticos e militares do sultanato ao final do século XIII, ainda que seja possível encontrar descrições de fenômenos como terremotos, inundações e tempestades. Os autores frequentemente incluíam uma linha ou uma passagem curta referente a fenômenos naturais e eventos climáticos extremos ou incomuns. Em alguns casos apresentavam um quadro detalhado dos acontecimentos, no qual podem ser encontrados materiais a respeito da intensidade, danos, processo de reconstrução, explicações e interpretações para o ocorrido. O objetivo, portanto, é analisar a construção da memória de eventos de crise e refletir sobre seu papel na construção das comunidades que os descreveram, com particular atenção em aspectos como as percepções da crise, seu possível papel na narrativa historiográfica, o vocabulário empregado nas descrições, as diferentes autorias, os contextos de produção e as características e objetivos do gênero textual. Para isso, serão comparadas as crônicas de três diferentes autores: Baybars al-Manṣūrī e Ibn 'Abd al-Zāhir, dois contemporâneos de origens e funções diferentes, embora igualmente privilegiados, dentro do sultanato de Qalāwūn; e Ibn al-Furāt, um cronista egípcio do século XIV que, apesar de seu prestígio social inferior, escreveu um dos livros de história mais importantes e influentes do período medieval. A diversidade social e cronológica dos autores fornece uma análise interessante dos objetivos e funções da escrita narrativa, bem como o impacto da crise na memória literária da sociedade mameluca. Além disso, os materiais selecionados são particularmente pertinentes pois foram amplamente utilizados em produções historiográficas posteriores.

Palavras-chave: crise; memória; Egito; medieval; Mamelucos.

²⁶ Graduanda, Universidade de São Paulo.

‘Iskandar Al-Ḥimīyarī? Indícios alexandrinos entre o lêmên e a África Suaíli

Gabriel dos Santos Giacomazzi²⁷

A presente comunicação pretende expor elementos para uma leitura intertextual da obra cronística *Kawkab al-Durrīyah al-Aḥbār Īfrīqīyah*, manuscrita em língua árabe pelo ^ḥālim leste-africano Fāḍil Ibn ^ḥUmar al-Bawrī (m. 1332 H./1913 d.C.). Tal texto, a exemplo do gênero de crônicas produzidas no contexto do Quênia sob ingerência colonial britânica, apresenta uma narrativa a qual pretende comunicar as supostas origens “árabes” da aristocracia mercante dos *waungwana*, distinguindo-se das demais sociedades de matriz bantu na região. Para tal, vale-se de remissões diretas a obras da tradição literatura histórico-genealógica islâmica, como os escritos de al-Qalqašandī, al-Fīrūzabādī e Ibn Qutaybah, a fim de identificar a figura corânica do *Tubbaʿ* – epíteto real do Reino Himiarita centralizado em Sanaã, no antigo lêmên – como fundador pré-islâmico das cidades-estado suaílis. As narrativas sobre o sul da Árabia no I Milênio são igualmente inscritas pelo cronista no devir histórico suaíli mediante a atribuição derogatória da origem dos povos Oromo a partidários árabes do general axumita ‘Abraha al-Ašram (séc. VI d.C.), que tenta destruir a Kaʿaba em episódio narrado na *sūra al-Fīl* do Alcorão. Em relação à figura do *Tubbaʿ*, sua vinculação genealógica de origem também se encontra registrada, em África, ao Estado de Bornu, ao sul do Saara; seu estatuto heroico advém, possivelmente, de sua associação à figura – também corânica – de *Ḍū ‘l-Qarnayn*, o “Bicorne”, figura importante da escatologia islâmica; aproximação popularizada por obras como o *Kitāb al-Tijān fi Mulūk Ḥimīyar* atribuído a Wahb Ibn Munnabih (séc. VIII d.C.). A figura do Bicorne, por sua vez, vê-se ligada, em tradições a circular entre a Arábia e África Oriental, àquela do conquistador macedônio Alexandre Magno, com a difusão da literatura alexandrina nos círculos letrados árabe-islâmicos a partir de textos siríacos. Pretendemos, portanto, averiguar ecos intertextuais “afrábicos” entre a saga alexandrina e a cronística suaíli.

Palavras-chave: Alexandre Magno; Cronística Suaíli; África Oriental; Genealogia islâmica; Intertexto.

²⁷ Mestre em História Social pela UFRGS.

É possível falar de raça no islã pré-moderno? Uma Análise do Discurso sobre o negro nas obras de Ibn Battuta e Ibn Khaldun (Século XIV)

Suênia Vieira Damásio²⁸

A raça é um tema amplamente debatido por diversas áreas do conhecimento na contemporaneidade. Nos primeiros estudos sobre o tema acreditava-se que raça era um fenômeno moderno, e, portanto, não existia em contextos anteriores. Com o tempo, historiadores da antiguidade e do medievo foram se deparando com registros históricos, que marcava uma diferença fenotípica, dentre as quais se destacava a cor negra. Com essa percepção da diferença, autores como Geraldine Heng, Denise Mccoskey, David Goldenberg, Paul-A Hardy e Nader Kadhem passaram a investigar os discursos e representações de pessoas negras em contextos mais antigos. Nesta comunicação iremos ter como foco os discursos de autores árabes-muçulmanos, que por via de regra, a cor negra carrega símbolos e significados, que aparecem em sua maioria com uma conotação negativa. Os debates sobre os negros são relacionados a sociedade árabe-islâmica em razão do Mito de Cam, que surge na sociedade judaica da Antiguidade e foi apropriado por outras religiões monoteístas como a fé cristã e a islâmica. Como Paul-A Hardy aponta, os estudiosos e letrados, desde os primórdios do Islã, se dedicaram a debater sobre as diferenças no tom da pele. As formas de compreender a diferença e o porquê ela se apresenta, foram bastante diversificadas, sendo associadas as questões climáticas, geográficas e religiosas. Dessa forma, com base em debates historiográficos recentes que proponho uma reflexão sobre a possibilidade do uso da categoria de raça na Análise do Discurso na Muqaddimah de Ibn Khaldun e na Rihla de Ibn Battuta. Junto a isso, observar em quais aspectos os discursos sobre pessoas negras podem convergir ou divergir consoante a perspectiva de cada autor e os objetivos de suas obras.

Palavras-chave: Raça; Negro; Ibn Battuta; Ibn Khaldun; Discurso.

²⁸ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (PPGH-UFPE).

Uma genealogia do cargo de Muhtasib, a Hisba e o bem comum nos mercados islâmicos

Paulo Henrique Ennes de Miranda Eto²⁹

O cargo de *muhtasib* desempenhou um papel fundamental na administração urbana do mundo árabe e islâmico de forma geral ao longo da Idade Média (nos territórios do Califado Omíada, Abássida, Fatímida, no Emirado de Córdoba e no Império Seljúcida, etc). O muhtasib ou Amil Al-Suq era a autoridade pública responsável pela fiscalização dos zocos (mercados abertos), garantindo que as transações comerciais ocorressem de maneira justa e conforme os princípios da Hisba, magistratura relacionada ao bom funcionamento dos mercados islâmicos e da Sharia (lei islâmica). Além disso, essa função supervisionava a qualidade dos produtos, a higiene pública e a moralidade nos espaços urbanos. Com uma função idêntica aos almotacés ou os *mostassá* (herdeiros diretos dos *muhtasib* nos reinos cristãos ibéricos), o muhtasib tinha autonomia para punir fraudes, fiscalizar pesos e medidas, bem como regular os preços de mercadorias essenciais para evitar abusos. Seu papel não se restringia ao comércio, pois também fiscalizava a conduta moral e social, combatendo práticas consideradas imorais ou prejudiciais ao bem-estar da comunidade. Nesse sentido, a apresentação tem por objeto apresentar a influência dessa função nas ações tributárias dentre as medinas islâmicas medievais, sem perder de vista o aspecto cultural e moral que atravessava essa função e que refletiam a própria conformação das sociedades a qual a mesma pertencia.

Palavras-chave: Muhtasib; Mercado; Cidades; Idade Média.

²⁹ Mestrando pelo PPGH-UFF.

Bīḍān e Sūdān: a representação do Mali por Ibn Battuta (séc XIV)

Pietro Enrico Menegatti de Chiara³⁰

Esta apresentação tem como objetivo analisar a representação dos sudaneses na obra de Ibn Baṭṭūṭah. Ele foi um viajante magrebino nascido em Tânger que, em 1325, deixou sua cidade natal e passou cerca de 30 anos viajando, posteriormente relatando suas jornadas oralmente ao poeta Ibn Juzayy. Esse poeta as documentou em uma obra chamada *Rihlah*, encomendada pelo sultão marínida. O foco deste estudo é especificamente sua última viagem. Em 1352, Ibn Baṭṭūṭah atravessou o Deserto do Saara e detalhou os povos sudaneses, no que hoje é o Mali. Lá, ele encontrou uma sociedade que havia adotado o Islã, mas ainda preservava diversos elementos locais. Por exemplo, o *mansa*, uma figura de liderança, era muçulmano, mas governava uma grande população que praticava religiões tradicionais. O foco desta apresentação é compreender essa dicotomia e explorar as identidades islâmicas e locais retratadas na representação de Ibn Baṭṭūṭah, bem como a forma como essa sociedade complexa e única é descrita nas páginas da *Rihlah*. Será explorada a dicotomia criada entre os Sūdān e os Bīḍān, notada por aspectos como a incompatibilidade alimentar. Para isso, serão empregados os conceitos de representação e identidade, a fim de aprofundar as questões narrativas relativas ao “outro”. Além disso, o conceito de religião global auxiliará a pensar os Islamismos presentes no norte e na África Subsaariana.

Palavras-chave: Ibn Battuta; Rihla; Mali; Sudão; Representação.

³⁰ Mestrando, UFES.

A participação brasileira na Partilha da Palestina

Aminah Bárbara Martins Hamid Haman³¹

A atuação de Oswaldo Aranha na Assembleia da ONU de 1947 denota ao Brasil relevante *participação* na Partilha da Palestina e, conseqüentemente, no problema palestino. Tendo em vista a agência do embaixador brasileiro, a pesquisa pretende investigar as motivações, influências políticas, econômicas e culturais para essa parcialidade diplomática que desvia da tradicional equidistância pragmática do Estado brasileiro nas relações internacionais das décadas de 1930 e 1940, como define Moura (1980), referindo-se à então proximidade do Brasil tanto dos Estados Unidos como da Alemanha e, posteriormente, sua relação com a União Soviética no contexto da Guerra Fria. Como explica D'Araújo (1997), o Brasil tinha poder para negociar com tais centros decisórios, pois precisavam construir alianças com países periféricos ao mesmo tempo que tinham posicionamentos contraditórios. O Brasil precisava estabelecer acordos comerciais mais vantajosos com outros países: se de um lado o Estado facilitava a exportação de café e borracha, de outro, Estados Unidos oferecia melhores taxas. Ao mesmo tempo, o país incrementava suas relações comerciais com a Alemanha e a Itália, cuja troca era facilitada pelo câmbio compensado – mercadoria trocada por mercadoria, em oposição ao câmbio livre, que troca mercadoria por dinheiro. A equidistância brasileira gerava também ambigüidades, como se vê na divisão interna de setores políticos mais alinhados à Alemanha, como os militares, e setores mais próximos aos Estados Unidos, como o Itamaraty, inclusive Aranha, de ideal pan-americanista simbolizado pela Conferência de Havana de 1940 – projeto que poderia ser lido como imposição estadunidense disfarçada de cooperação continental – e que tinha como projeto de país o estabelecimento de uma “cidadania regulada” (D'ARAÚJO, 1997). Essa diferença de paradigmas é fundamental para a significativa atuação do Brasil na questão israelo-palestina, e é isso que esta pesquisa pretende compreender.

Palavras-chave: Partilha da Palestina; equidistância pragmática; Oswaldo Aranha; política externa do Brasil; pan-americanismo.

³¹ Doutoranda, Universidade de São Paulo.

“Tipos árabes”: um álbum orientalista no Brasil do Segundo Reinado

Nina Paschoal³²

A comunicação visa apresentar um álbum da Coleção Thereza Christina, da Biblioteca Nacional, como objeto de interesse que medeia e representa as relações entre o Brasil e o Egito durante o Segundo Reinado. Trata-se do “*Album complet de toutes les principales vues et monuments d’Alexandrie, Caire, Suez, Canal isthme de Suez, basse-Nubie, haute Egypte-etc-etc-etc*”, de autoria do italiano Luigi Fiorillo, que fora adquirido por d. Pedro II e sua esposa Thereza Christina durante viagem ao Egito. Suas primeiras quatro páginas são o foco de nossa pesquisa de doutorado em andamento, por apresentarem 32 fotografias *carte de visite* intituladas “*types arabes*”. A produção de imagens no gênero de “tipos e costumes” foi intensa no oitocentos, especialmente amparada pelo despontar da Antropologia e das teorias do darwinismo racial. Imagens como as do álbum são realizadas nesse contexto, fazendo parte do que Stuart Hall chama de “regime racializado de representações” (HALL, 2016). Essa construção visual de alteridade marca também uma de hierarquia, no qual o Ocidente se reafirma como cultura madura, civilizada, enquanto outras seriam pueris, selvagens ou atrasadas, como é o caso do Oriente, o que amparava e legitimava a colonização. Nesse sentido, as imagens podem ser analisadas com uso da categoria de Orientalismo (SAID, 1996), buscando os sentidos manifestos e latentes de seus discursos visuais, implícitos no ato fotográfico (AZOULAY, 2024), na seleção de fotos para o álbum, e no colecionismo. Esse estudo, ainda, faz menção às relações simbólicas e à circulação de modelos entre Brasil e Egito, tendo Pedro II como uma figura catalisadora, já que foi um entusiasta dos estudos orientalistas e da egiptologia.

Palavras-chave: Orientalismo; fotografia; tipos e costumes.

³² Doutoranda, UNIFESP.

A presença da literatura brasileira na Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes

Matheus Menezes³³

A presente comunicação busca apresentar alguns dos resultados da pesquisa de mestrado desenvolvida entre 2022 e 2024, cujo título é: *Legado de um certo Oriente: A Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes (1935-1953)*. Nessa apresentação o foco é a literatura brasileira veiculada na Revista da Liga Andaluza, periódico que foi publicado por integrantes da diáspora árabe no Brasil na primeira metade do século XX. Busca-se evidenciar a relação entre os autores que editavam o periódico e autores brasileiros. Tal relação foi investigada através de ampla pesquisa documental, que se debruçou sobre o conteúdo da revista voltado às letras brasileiras, como textos publicados sobre obras e autores do Brasil, a tradução da literatura em língua portuguesa ao árabe e resenhas de algumas obras que foram publicadas na época em que a revista foi editada. Através desses eixos foi possível mapear o nome dos autores que aparecem com maior frequência na revista, em sua maioria nomes alheios à renovação literária que o país sofria após a Semana de 22. A partir de tais considerações, autores como BOSI (1994), CIVANTOS (2015) e MONTÁVEZ (1992) são mobilizados para traçar paralelos entre a produção literária dos autores da Liga, no geral reativa às vanguardas, e o interesse por certa vertente mais conservadora da literatura brasileira.

Palavras-chave: A Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes; Diáspora Árabe; Literatura Árabe; Literatura Brasileira.

³³ Mestre pelo PPG-LETRA (Letras Estrangeiras e Tradução) da USP, onde desenvolveu projeto sobre a Revista da Liga Andaluza e a literatura da diáspora árabe no Brasil.

O Mundo Árabe no mercado editorial brasileiro: um estudo sobre fluxos de tradução para o diálogo Sul-Sul

Maria Teresa Mhereb³⁴

Considerando a tradução como ferramenta teórica e prática politicamente indispensável para a construção de alianças transnacionais anticapitalistas, anti-imperialistas e anticolonialistas, o presente trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa feita por amostragem que teve como objetivo descrever a presença, no mercado editorial brasileiro, de obras traduzidas escritas por autoras e autores árabes. Três grupos de editoras foram estudados: a) editoras comerciais com expressiva capacidade de produção e distribuição das obras traduzidas que publicam; b) editoras participantes da Feira Literária Pirata de Editoras Independentes (FLIPEI) de 2024; c) editoras com projetos editoriais especificamente voltados para a publicação de obras árabes. Os livros catalogados na pesquisa foram organizados de acordo com a seguinte classificação: a) humanidades; b) poesia; c) romance e novela; d) ensaio. Para cada obra catalogada, registrou-se: a) país de origem de quem escreveu; b) ano de publicação do texto-fonte; c) gênero de quem escreveu; d) gênero de quem traduziu. Os resultados confirmam a necessidade de questionar, no plano da teoria, a direcionalidade dos fluxos de tradução pelo globo e de fortalecer, no âmbito da prática editorial nacional, as viagens dos conhecimentos epistemológicos e literários em direções não hegemônicas, especialmente as viagens Sul-Sul no sentido Mundo Árabe-América Latina.

Palavras-chave: Literatura árabe traduzida; fluxos de tradução; políticas da tradução; mercado editorial; diálogos Sul-Sul.

³⁴ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução (PPG-LETRA) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.

O Centro Cultural Al Jannah e a universalização da luta palestina

Clara Bastos de Macêdo Carneiro³⁵

Segundo o intelectual marxista palestino Ghassan Kanafani, assassinado em 1972 pelo exército sionista Israelense: “a causa palestina não é uma causa apenas para os palestinos, mas para todos os revolucionários, [...] como uma causa das massas exploradas e oprimidas da nossa época”. Internacionalista, Kanafani vislumbrava a urgência universal da contenção da ideologia sionista que dava respaldo à violenta criação do Estado de Israel, em 1948. Morto aos 36 anos no Líbano, o revolucionário da caneta e do papel, como ficou conhecido, se tornou uma das vozes da resistência, defendendo que a luta palestina não era papel destinado apenas àqueles que, após 1948 com a *Nakba*, entraram em diáspora tendo em vista a expulsão de suas terras, mas cabia a todo o mundo, uma vez que a libertação da Palestina do poderio de Israel, significava, também, a derrota do sistema colonialista e imperialista ainda vigente em diversas partes do mundo. Uma vez que se entende o caráter universal da luta do povo palestino e em um contexto em que as redes sociais e a grande mídia são vitrines de informações deturpadas, os partidos políticos, os movimentos sociais e os espaços culturais de diversos países, com seus posicionamentos publicizados, se tornam aliados de extrema importância na luta, uma vez que dão força à resistência, contribuindo para o esclarecimento do que de fato ocorre no dia a dia da população palestina, a qual sofre um verdadeiro genocídio, isto já reconhecido pelo Tribunal Penal Internacional. Nesse ponto, o presente artigo visa trabalhar em cima da atuação do centro cultural Al Jannah, espaço palestino de resistência localizado no Bixiga, na cidade de São Paulo, Brasil. A intenção é entender a importância dos trabalhos de luta de espaços culturais para uma efetiva contribuição na luta anticolonial.

Palavras-chave: Resistência palestina; Universalidade; Centro Cultural Al Jannah.

³⁵ Programa de Pós-Graduação em História Econômica.

Uma viagem de Meca a Jundiaí: saberes da cultura islâmica em uma abordagem teórico-metodológica no contexto dos anos iniciais da educação básica em Jundiaí-SP

Edward de Abreu Campanario Neto³⁶

Este trabalho apresenta a experiência da inserção de temáticas da cultura islâmica como indutoras dos objetos do conhecimento presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) junto aos estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental (EF) da EMEB Profa. Janet Ferreira Prado, nos anos de 2023 e 2024. Juntamente à apresentação do percurso em que se delineou a construção e aplicação da proposta, pretendeu-se evocar reflexões sobre o deslocamento epistemológico para além da visão ocidentalizada de conhecimentos universais em diversos campos dos saberes historicamente construídos e acumulados, destacando o legado cultural das civilizações islâmicas. Nesse ínterim, considerando perspectivas decoloniais, evidencia-se os territórios e saberes curriculares da Educação Básica como campos profícuos à percepção da relevância dos conhecimentos advindos de povos muçulmanos e sua participação ativa no desenvolvimento da filosofia, matemática, literatura, artes e diversos campos das ciências. Outrossim, o conjunto de vivências e aprendizados visaram valores de convivência e alteridade em relação aos grupos islâmicos presentes no cenário local, tendo como premissa a noção de que conhecimentos afins revelam uma proximidade tautológica com os povos muçulmanos, superando, portanto, a visão de uma pretensa distância. Em se tratando de uma perspectiva curricular inovadora, desvelou-se também a abordagem do *Desemparedamento da Escola*, que, como metodologia educacional desenvolvida na própria rede municipal de Jundiaí, possibilitou fazeres didático-pedagógicos que se demonstraram promissores na correlação entre pensamento crítico decolonial e as linguagens e saberes específicos dos anos iniciais do Ensino Fundamental em relação à cultura muçulmana. Tal percurso, por fim, destacou o intercâmbio entre um conjunto de aprendizados, de maneira interdisciplinar, com a cultura islâmica, tendo por referência – em termos de território/cidade – a mesquita *Omar Ben Abed Al Aziz*.

Palavras-chave: Legado histórico-cultural islâmico; *Desemparedamento da Escola*; Cultura islâmica; Ensino Fundamental; Decolonialidade.

³⁶ Licenciado em Pedagogia, História e Ciências da Religiões, especialista em Alfabetização dos Estudantes das Classes Populares e em Metodologia no Ensino da Educação Superior.

A metáfora como elucidação, em Abd-Alqāhir Aljurjānī

Alexandre Facuri Chareti³⁷

O objetivo dessa comunicação é abordar a caracterização da figura poética *isti'ārah* (que pode ser traduzida aproximadamente como *metáfora*) na obra *Asrār Albalāghah* do gramático de origem iraniana 'Abd-Alqāhir Aljurjānī (1009-1078 d.C./ 400-471 H.). Juntamente com outros literatos que produziram escritos em língua árabe sobre as figuras de linguagem, tais como Ibn Almu'tazz (861-908 d.C./ 247-296 H.), Abū-Hilāl Al'askarī (920-1005 d.C./ 307-395 H.), Sirāj-Addīn Assakkākī (1160-1229 d.C./ 555-626 H.) e Jalāl-Addīn Alqazwīnī (1268-1338 d.C./ 666-737 H.), Aljurjānī é um dos precursores da ciência da eloquência (*'ilm albalāghah*), também chamada de retórica de língua árabe. Dentre os três ramos desta ciência - o estudo dos significados (*'ilm alma'ānī*), o estudo da elucidação (*'ilm albayān*) e o estudo das figuras poéticas (*'ilm albadī'*) -, *Asrār Albalāghah* situa-se entre os fundamentos do estudo da elucidação. Na obra *Asrār Albalāghah*, Aljurjānī busca desvendar as estruturas da *isti'ārah*, percorrendo os alicerces do seu requisito lógico, a similaridade. Ao seguir tal preceito, entendendo que a metáfora é uma imagem (*majāz*) formada por uma relação sintética e contextualizada de comparação, essa comunicação pretende acompanhar os argumentos empenhados por Aljurjānī na descrição dos tipos de símiles (*tašbīḥ*) e analogias (*tamtīl*) que estão na base da realização das metáforas.

Palavras-chave: Poética; Poesia; Metáfora; Isti'arah; Aljurjani.

³⁷ Doutor em tradução (PPG-LETRA-FFLCH-USP), mestre em estudos árabes e judaicos (DLO-FFLCH-USP).

***Kitāb Dhakhīra fi Mahasin Ahl Al Jazeera* (Livro do Tesouro das belas qualidades da população da Península) de Ibn Bassam: Uma antologia literária do al-Andalus**

Natália Maria Lopes Nunes³⁸

Ibn Bassām nasceu em Santarém e viveu sobretudo durante a dinastia dos Banū I-Afṭas (1022-94), nomeadamente durante o reinado de al-Mutawakkil, sendo a sua família de ascendência nobre. O autor escreveu diversas obras, com destaque para a sua antologia literária *Kitāb Dhakhīra fi Mahasin Ahl Al Jazeera* (*Livro do Tesouro das belas qualidades da população da Península*), conhecida por *al-Dajīra* (*O Tesouro*). Esta obra é fundamental para conhecermos não apenas a literatura, mas também a política, a história e a cultura do século XI. A antologia divide-se em 4 partes: na primeira, faz referência aos sábios de Córdova e dos arredores (incluindo Granada, Jaén, Almería e Málaga); a segunda é referente à zona ocidental, ao Gharb al-Andalus (incluindo Sevilha, Badajoz e o que é hoje o sul de Portugal); a terceira é sobre a região do Levante (Múrcia, Dénia, Valência, Tortosa, Saragoça, etc.) e a quarta é relativa aos literatos do Norte de África, Síria e Iraque que estiveram no al-Andalus. Como se pode verificar, a segunda parte é aquela que abrange a região do Gharb al-Andalus, dando-nos informações preciosas sobre alguns dos literatos mais importantes do al-Andalus.

Palavras-chave: Ibn Bassām; al-Dajīra (O Tesouro); al-Andalus; Gharb al-Andalus; antologia.

³⁸ Docente no IELT - FCSH-UNL (Instituto de Estudos de Literatura e Tradição - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa).

A Casa do Islã (Dār al-Islām) e seus limites através das representações do outro em relatos de viagem (séc. X-XIV D.C./III-VIII H.)

Patrik Madruga Gonçalves³⁹

A partir das obras de Abū Zayd al-Ḥasan al-Sīrāfī (séc. X/III), Aḥmad ibn Faḍlān (séc. X/III), ibn Jubayr (1145-1217/540-614) e ibn Baṭṭūṭa (1304-1369/703-770), este trabalho estabelece uma análise entre as representações do “Outro” em relatos de viajantes árabes/arabizados e as reconfigurações espaciais da “Casa do Islã” (*dār al-Islām*). Partindo de textos produzidos originalmente em língua árabe e inseridos no universo cultural árabo-pérsico, compreendemos como “Outro” aqueles descritos enquanto muçulmanos não-arabizados e não-muçulmanos. Atualmente popularizado pela *Rihla* (Viagem) de ibn Battuta, o relato de viagem árabo-islâmico encontra lastro em diferentes produções textuais e localidades. Pode-se mencionar, por exemplo, as descrições de povos nos tratados geográficos (ex.: al-Bakrī) e as estranhezas de terras distantes nos livros de maravilhas (ex.: al-Qazwīnī). No campo do testemunho ocular, por sua vez, predominam textos de peregrinação pela Península Arábica e o Crescente Fértil (ex.: ibn Rushayd). Por fim, encontramos obras que unem tanto o deslocamento espacial quanto a descrição de elementos externos ao espaço árabe, resultando em relatos que trazem representações do Outro a partir das experiências de viagem. Este é o caso do relatório de ibn Faḍlān para o califa abássida sobre a região do Volga e, em menor medida, os registros acerca da Índia e da China preservado por al-Sīrāfī. Da mesma forma, destacamos o relato de ibn Jubayr pelos Estados Cruzados e o Reino da Sicília, assim como a extensa obra de ibn Baṭṭūṭa acerca das suas aventuras pela maior parte do mundo conhecido na literatura árabe clássica. Através de suas respectivas compreensões dos espaços limítrofes ao território árabo-pérsico, evidenciaremos os processos espaciais em transformação na Casa do Islã. Dentre eles, se destacam uma nova expansão dos domínios muçulmanos, a intensificação das zonas de contato e a crescente atuação de muçulmanos não-arabizados.

Palavras-chave: Relato de Viagem; Islã; Outro; Fronteira Cultural.

³⁹ Doutorando, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Nem Choque, Nem Assimilação: Como os Cristãos Siríacos Narraram as Conquistas Islâmicas (Séculos VII-IX)

Sara Daiane José⁴⁰

Este trabalho investiga as interações entre os cristãos siríacos e os conquistadores árabes nos primeiros dois séculos e meio do Islã, argumentando que essa relação não pode ser reduzida a um simples “choque de civilizações” nem a uma aceitação imediata do domínio islâmico. Em vez disso, os relatos siríacos das conquistas revelam um processo negociado, dinâmico e multifacetado, no qual essas comunidades buscaram se adaptar, interagir e reinterpretar sua posição frente ao novo poder. As descrições mais antigas e extensas das conquistas islâmicas não foram registradas pelos muçulmanos vitoriosos, mas por cristãos siríacos derrotados. Para os siríacos, os eventos da década de 630 foram um ponto de inflexão em sua história, preservado por meio de uma memória coletiva que refletia tanto resistência quanto adaptação. Enquanto o imperador Heráclio fugiu para Constantinopla, os cristãos siríacos permaneceram, negociaram sua posição e garantiram sua sobrevivência dentro da nova ordem política. Nessas fases iniciais, as comunidades siríacas locais engajaram-se com os novos governantes árabes por meio da aceitação de um sistema de tributação (*jizya*) e da manutenção das estruturas administrativas existentes, promovendo um sistema de governança relativamente estável. Foi somente mais tarde, durante a Segunda Fitna e com as políticas de islamização subsequentes sob Abd al-Malik, que a relação começou a se deslocar para esforços de conversão mais forçados, alterando as dinâmicas positivas anteriores. Essas lembranças iniciais das conquistas foram registradas em diversos gêneros literários entre os quais estão Apocalipse do Pseudo- Metódio (séc.VII) argumentando que a chegada dos árabes era uma má notícia para os cristãos siríacos e a Crônica de Dionísio de Tel Maḥrē (século IX) reavaliando as conquistas árabes como uma possível libertação da tirania bizantina.

Palavras-chave: Cristãos Siríacos; Apocalipse do Pseudo-Metódio; Dionísio de Tel Maḥrē; Memória coletiva; Conquistas Árabes.

⁴⁰ University of Tennessee.

A Subalternização do Ocidente Islâmico no discurso histórico Abássida a partir da *Tarikh al-Rasul wal-Muluk* de Al-Tabari (839-923)

Vitor Matheus de Araújo Barbosa⁴¹

O presente trabalho investiga como o historiador abássida Al-Tabari (839-923) construiu sua narrativa histórica em sua obra *Tarikh al-Rasul wal-Muluk*, especialmente no diz que respeito ao seu esforço de subalternizar a importância do surgimento de estados islâmicos autônomos no *Maghrib* e em *Al-Andalus*, esforço que partiu da tentativa de legitimar uma pretensa singularidade califal da Dinastia Abássida, da qual o autor da obra era historiador oficial. A pesquisa busca demonstrar, a partir do estudo de caso da *Tarikh*, demonstrar como a historiografia não é neutra e sim um espaço de disputas políticas e culturais, o que pode ser percebido a partir de um cuidadoso olhar acerca da narrativa histórica, observando quais eventos, personagens e territórios associados ao Ocidente Islâmico foram omitidos ou tratados de maneira marginal na intriga composta por al-Tabari. Do ponto de vista teórico, destacam-se os conceitos de “configuração narrativa” e “esquecimento”, do filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005), aliadas ao uso da abordagem metodológica da Hermenêutica Histórica como pensada pelo mesmo autor e sintetizada em sua icônica obra *Tempo e Narrativa*. A discussão insere-se ainda no contexto mais amplo da História Global da Historiografia, e contribui para a compreensão das estratégias narrativas da historiografia islâmica medieval e para a reflexão sobre as seleções do passado durante o processo de transformação da memória acerca da experiência temporal vivida em narrativa histórica.

Palavras-chave: Historiografia Islâmica; Ocidente Islâmico; Al-Tabari.

⁴¹ Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

A recepção do manuscrito Siríaco Sachau 321 pelos escritos marginais árabes

Murilo Moreira de Souza⁴²

O manuscrito siríaco *Sachau 321*, atualmente preservado na Staatsbibliothek zu Berlin, é um testemunho fundamental para a compreensão da preservação da tradição cristã siríaca e de sua recepção em contextos medievais, modernos e contemporâneos. Produzido no mosteiro de Psilta, próximo a Antioquia (atual *Antakya*, Turquia), em 741 EC, esse códice não apenas preserva um corpus textual em siríaco, mas também apresenta extensas anotações marginais em árabe, evidenciando o contato material e intelectual entre comunidades siríacas letradas em um momento historicamente próximo à consolidação do domínio árabe na região. Este estudo examina essas inscrições laterais, investigando seu conteúdo, função e a dinâmica de transmissão do texto. A análise considera as poucas informações que temos a respeito do perfil dos leitores e copistas envolvidos, questionando se tais notas serviam como traduções, comentários exegéticos ou estratégias de apropriação e ressignificação do material siríaco. A partir de uma abordagem filológica e histórica, nossos questionamentos buscam situar o *Sachau 321* no escopo mais amplo da circulação de manuscritos e das interações entre tradições religiosas e linguísticas na Síria Pré-Moderna. A análise das margens do códice revela a complexidade das interações intelectuais dentro de uma comunidade cristã siríaca arabizada e reforça o papel da cultura manuscrita como espaço de negociação, adaptação e recepção.

Palavras-chave: Mss. Sachau 321; Paleografia; Interações Culturais; Cristianismo Siríaco; Recepção.

⁴² Doutorando em História pelo Programa de Pós-graduação em História Universidade Federal do Paraná (PPGHIS/UFPR). Bolsista CNPq-GD, CAPES-PrInt. Membro do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED-UFPR) e do Grupo de Estudos em História do Oriente Cristão (GEHOC).

Os árabes acreditavam em seus votos? A questão da “fé” e “sinceridade” devocional em *graffiti* votivos e apotropaicos proto-islâmicos e suas implicações para a história do surgimento do Islã

Paulo Renato Silva de Andrade⁴³

Nos últimos anos, os estudos de epigrafia têm despontado como importantes contribuintes às investigações de sociedades meso-orientais de períodos recuados, especialmente quanto aos dois primeiros séculos AH. Em particular os chamados *graffiti* – inscrições não comissionadas – apresentam oportunidades inestimáveis de contornar alguns dos problemas documentais normalmente associados às fontes tradicionais; diferentemente dessas, *graffiti* são quase sempre escritos por pessoas de pouca relevância e notoriedade política, de maneira relativamente espontânea, e raramente estiveram sujeitos a processos sistemáticos de censura, editoração ou adaptação. Por outro lado, na maior parte dos casos, tratam-se de inscrições simples, extremamente breves, altamente formulaicas e de datação difícil e relativa. Apesar de seu óbvio potencial, a análise desse material requer cautela e certa sensibilidade antropológica e arqueológica, sobretudo no que diz respeito às especificidades e circunstâncias do ato de produzir estes textos em particular. À luz destas observações, propomos algumas reflexões baseadas no exame de *graffiti* provenientes da Península Árabe e do Levante, remetentes ao primeiro século AH, em especial aqueles que classificamos como apotropaicos e votivos. Ainda que sua análise lexical demonstre uma clara mobilização de termos de tradição abraâmica em contraste com o material de períodos pré-islâmicos da região – como súplicas por “remissão dos pecados” e “misericórdia” divina, em lugar de pedidos mais “mundanos” de outrora – há que se perguntar até que ponto o seu emprego implicaria em um “autêntico” sentimento aflorado de insegurança ou temor do juízo final (NEVO, 2003) ou apenas atos de expressão pessoal formulaicos e relativamente descompromissados (IMBERT, 2011, 2019). Aproveitaremos essa premissa para tecer comentários sobre a “fé” e o “crer” em contextos tardo-antigos em contraste com nossas concepções correntes.

Palavras-chave: Islã; Proto-islã; Graffiti; Epigrafia.

⁴³ Egresso, UFMG.

Wahb bin Munabbih: conhecimento bíblico e extrabíblico na historiografia árabe islâmica clássica

Pedro Martins Criado⁴⁴

Ao estudarmos a circulação de narrativas do *ahl al-kitāb* (principalmente, judaicas ou cristãs) na historiografia árabe islâmica clássica, poucos nomes são mais citados que o do iemenita Wahb bin Munabbih (m. 114 H./732 d.C.). Sua atividade é frequentemente associada à coleta de relatos orais (*ʿaḥbār*), narrativas folclóricas do sul da Arábia (*yamanīyāt*) e histórias associadas aos profetas (*qiṣaṣ al-ʿanbiyāʿ*), além de biografias (*siyar*) de reis e ditos sapienciais (*ḥikma*). Ibn Munabbih é conhecido como a principal autoridade de seu tempo em matérias bíblicas e extrabíblicas, comumente referidas como “israelitas” (*ʿisrāʾīliyyāt*), que são narrativas de procedência judaica ou cristã com implicações exegéticas corânicas (*tafsīr*). Seu único livro sobrevivente e as inúmeras referências esparsas ao restante de sua obra ilustram como diferentes repertórios confessionais compartilhavam o ambiente em que se originou a historiografia islâmica, no começo do séc. 2 H./8 d.C., e colaboravam para as múltiplas compreensões acerca da relação do Islã com o mundo e as demais fés ao seu redor. Nesta comunicação, propomos uma apresentação da figura de Wahb bin Munabbih e de sua contribuição para que diversos conteúdos bíblicos e extrabíblicos, judaicos ou cristãos, fossem transmitidos e incorporados à historiografia árabe islâmica clássica. Trataremos brevemente das informações conhecidas sobre sua pessoa e sua obra, demonstraremos o tipo de conteúdo associado à sua especialidade com alguns exemplos de narrativas atribuídas à sua autoridade, e proporemos algumas conclusões com base em seus trabalhos.

Palavras-chave: Wahb bin Munabbih; circulação de narrativas; *ahl al-kitāb*; historiografia árabe islâmica clássica.

⁴⁴ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução (PPG-LETRA) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.

A Sicília Normanda em fontes muçulmanas: espaço e circulação no Mediterrâneo dos séculos XI e XII

Arthur Marques Atalião Grecco⁴⁵

A comunicação pretende expor falar sobre a pesquisa de Iniciação científica em História intitulada “A Sicília Normanda em fontes muçulmanas: espaço e circulação no Mediterrâneo dos séculos XI e XII”, aprovada pela FAPESP no início desse ano. Adequada aos princípios da História Conectada, que regem o Projeto Temático “Uma história conectada da Idade Média”, a qual a está vinculada, o objetivo central da pesquisa é avaliar como três autores árabe-muçulmanos do período (Ibn Hamdis, Al-Idrisi e Ibn Jubayr) descreveram a circulação de pessoas entre a Sicília Normanda e o Mediterrâneo mais amplo e, com isso, tentar entender quais posições e papéis o domínio normando ocupou na visão desses autores frente aos espaços e comunidades com os quais interagiu. A Sicília é um espaço particularmente interessante no estudo da interação entre a comunidade muçulmana com outras forças atuantes na região do Mediterrâneo. Além de se encontrar em uma região de borda entre a Europa Latina, o Império Bizantino e o Norte da África muçulmano, a ilha esteve por mais de dois séculos sob domínio muçulmano até a conquista normanda, iniciada na segunda metade do século XI. Para a apresentação, será propõe falar sobre quais os impactos da conquista normanda da Sicília para a comunidade muçulmana, tanto da ilha quanto de fora dela; a partir disso, encaminhar a discussão sobre como os autores lidaram com esse novo poder no Mediterrâneo em suas obras, e a situação de derrota da comunidade muçulmana frente ao avanço cristão no Mediterrâneo. Por fim, expor brevemente alguns resultados parciais da análise das obras, sobretudo no que diz respeito aos dados catalogados até o momento.

Palavras-chave: Sicília Normanda; Mediterrâneo; Circulação; Fontes Muçulmanas.

⁴⁵ Estudante de História pela FFLCH-USP e pesquisador em Iniciação Científica sob orientação do Prof.Dr. Marcelo Cândido da Silva.

Machado de Assis, a escatologia muçulmana e o legado afro-islâmico

Fernanda Pereira Mendes⁴⁶

O estudo da obra de Machado de Assis ainda não contemplou as possíveis fontes orientais integrantes do acervo da biblioteca particular do autor, catalogada por Jean-Michel Massa. Apresentaremos uma análise comparatista num dos mais emblemáticos capítulos de Memórias Póstumas de Brás Cubas – o sétimo, intitulado “O delírio” – com o relato conhecido como a Escada de Maomé, um dos textos mais difundidos da tradição islâmica. Uma versão resumida da narrativa foi publicada pelo historiador inglês Charles Mills em sua *Histoire du Mahométisme* (1825), título presente na biblioteca particular de Machado de Assis. Mas o escritor carioca também fez uso de outra versão mais longa, contida na *Vie de Mahomet* (1865) do célebre autor norte-americano Washington Irving e possivelmente, de uma terceira versão, difundida pelos negros muçulmanos que viviam no Rio de Janeiro em meados do século XIX. A existência de uma numerosa comunidade afro-islâmica carioca foi testemunhada pelo diário de viagem do imã otomano Al Baghdadi, que esteve no Brasil entre 1866 e 1869. A descoberta da influência da escatologia muçulmana na obra machadiana introduz a literatura brasileira oitocentista no estimulante campo de estudos do uso de fontes islâmicas, além de lançar luzes sobre a cultura afro-muçulmana no Brasil que, além da oralidade, difundiu-se, ainda, através de manuscritos em escrita árabe e *ajami*.

Palavras-chave: Machado de Assis; Escada de Maomé; Legado Afro-islâmico.

⁴⁶ Pós-doutoranda na USP.

Kahanismo dos EUA a Israel: a ascensão do supremacismo judaico e seu impacto na política externa estadunidense

Shajar Goldwaser⁴⁷

O projeto visa explorar a ascensão do movimento kahanista nos Estados Unidos da América (EUA) e em Israel e seus impactos na política externa estadunidense para Israel. Este movimento deriva dos ensinamentos de Meir Kahane, rabino e jornalista nascido em 1932, no Brooklyn, que pregava pelo supremacismo judaico e defendia a limpeza étnica dos palestinos de Israel. Kahane fundou o Jewish Defense League (JDL), grupo que foi designado como terrorista nos EUA, se desenvolveu e se expandiu para Israel, influenciando a trajetória dos Acordos de Oslo e contribuindo para a ascensão de Benjamin Netanyahu ao poder em 1996. A grande proximidade das ideias do kahanismo e o neoconservadorismo norte-americano fez com que mantivesse proximidade ao partido Republicano, mas também graças à força do lobby, se mantivesse entrelaçado também aos Democratas. A chegada de Donald Trump à Casa Branca favoreceu que, duas décadas após seu braço partidário ter sido banido do parlamento israelense, o kahanismo retornasse ao poder legislativo em Israel. Hoje em dia, membros deste movimento integram o atual governo israelense e contribuem para o aumento da violência contra os palestinos. A pesquisa se propõe a observar o que possibilitou este movimento se tornar uma das mais relevantes forças políticas em Israel, em paralelo a como influenciou a política externa dos EUA para o Oriente Médio.

Palavras-chave: Extrema Direita; Kahanismo; Política Externa Estadunidense; Política Israelense; Hegemonia.

⁴⁷ Mestrando, San Tiago Dantas.

A dimensão estratégica do futebol na política da Arábia Saudita: uma análise da Visão 2030 e sportswashing

João Batista de Oliveira Neto⁴⁸

Este trabalho explora a mistura entre futebol e política com foco nos investimentos do Estado da Arábia Saudita no esporte, usando como objeto de estudos, a *Saudi Pro League*, sua liga de futebol local. O estudo analisa como esses investimentos estão alinhados à Visão 2030, um plano estratégico do país para diversificar sua economia e ampliar sua influência global. A pesquisa questiona se as acusações de *sportswashing* — prática de um Estado ou pessoa usar o esporte para melhorar a sua imagem ou desviar atenção de questões controversas — são justas ou se carregam um viés orientalista, destacando a necessidade de uma análise crítica que evite estereótipos xenofóbicos comuns em discussões sobre a região do Golfo. O trabalho é parte dos estudos da História do Tempo Presente e tem base em análise bibliográfica de artigos, livros, notícias, entrevistas e análise de dados de websites futebolísticos como o *transfermarkt* e *ogol*. O trabalho aborda conceitos como *softpower* e *sportswashing*, buscando compreender como a Arábia Saudita e seus vizinhos utilizam o esporte como ferramenta de influência internacional, tanto no cenário econômico quanto político. O estudo visa, por fim, contribuir para uma discussão mais contextualizada e menos preconceituosa sobre o tema.

Palavras-chave: Futebol; Política; *sportswashing*; *Saudi Pro League*; Arábia Saudita.

⁴⁸ Graduando, Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM.

A identidade islâmica: uma crítica dos debates jurídicos e translocais para a compreensão do ativismo islâmico na Arábia Saudita

Luísa Pastorini de Castro⁴⁹

As controvérsias quanto à “real” identidade islâmica e quem seriam os autorizados a falar em nome do Islam estão presentes nos debates sauditas contemporâneos. O ativismo islâmico na Arábia Saudita, nesse trabalho representado pelos estudiosos Salman al-Ouda e Yusuf al-Qaradawi, representa a luta de juristas por reformas, local e internacionalmente, em busca de uma total aplicação da *Shari'ah*. O desejo pelo uso dos princípios islâmicos em todas as instâncias da vida levou esses estudiosos à busca pela definição do Islam na contemporaneidade e à melhor metodologia de aplicação do discurso corânico para resolver as problemáticas da *ummah*. Esse estudo se configura mais abrangente com o auxílio da teoria translocal que prevê a compreensão dos movimentos islâmicos contemporâneos em relação à nova experiência de globalização e conflitos identitários. Assim, utilizando da crítica translocal no tratamento dos debates jurídicos na Arábia Saudita, a partir dos anos de 1970, o trabalho articula o ativismo islâmico como resultado de uma política que parte do dia a dia muçulmano, de suas formulações identitárias, e seus debates quanto a correta aplicação do Islam na contemporaneidade. Uma análise que permite o afastamento do elemento “ocidental”, no caso a “reação contra o ocidente”, como fator primordial para a compreensão dos recentes discursos islâmicos. Deslocamos a atenção para o Corão como recurso de abstração essencial no processo de formação de identidade. Demonstrando, ao mesmo tempo, a potência renovadora da tradição por sua capacidade de atualização e (re)conceitualização diante das demandas intercomunitárias muçulmanas. Um estudo essencial para a visualização da pluralidade muçulmana e suas formulações político-filosóficas contemporâneas.

Palavras-chave: translocal; identidade; islã contemporâneo; jurisprudência islâmica; reviver islâmico.

⁴⁹ Graduanda, Universidade Estadual de Maringá.

(Re)Considerando o Islam e a Política: o impacto do tunisiano Ennahda na formação do Islam Político

Leonardo Pagano Landucci⁵⁰

Tradicionalmente ignorada na análise de Relações Internacionais, a religião tornou-se uma categoria central de estudo para o campo com a virada do Século XXI. À medida que os aparatos acadêmicos ocidentais modernos se desgastam diante dos desafios contemporâneos e da contestação ao Orientalismo homogeneizante, novas formas de compreender a política aparecem para o corpus teórico, incluindo interpretações e teorias baseadas no Islam e advinda das regiões do Norte Africano e Oriente Médio. Com isso em mente, o presente artigo propõe discutir a categoria do Islam Político, suas limitações e avanços para o estudo das Relações Internacionais. Considerando o tema, a trajetória do Movimento *Ennahda* na política é central para a análise, na medida em que ele tanto contrapõe quanto adere à ontologia generalista e parcial do Islam Político. Devido ao seu status de Alteridade nos primeiros anos de atuação política, sua vitória nas eleições de 2011 e seu papel como crítico do governo de Saïed, o partido possui uma importância notória para a região, exigindo novos métodos de compreensão do Islam e da política. Portanto, o artigo propõe um esquema para reconhecer o Islam com base em debates antropológicos e discursivos, contrapondo-se a visões essencialistas da religião, ao mesmo tempo em que avança para uma categorização distinta da ideologia do Movimento *Ennahda* nas Relações Internacionais.

Palavras-chave: Islam Político; Tunísia; Relações Internacionais; teoria; religião.

⁵⁰ Mestrando, Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas - UNESP.

Por um Iraque pós-Saddam: As relações transnacionais entre a elite da oposição iraquiana e o governo dos EUA nos anos 1990

Rodrigo Augusto Duarte Amaral⁵¹

Entre maio de 2003 e julho de 2004, os Estados Unidos da América (EUA) em conjunto com a Grã-Bretanha foi Autoridade Provisória (CAP) do Iraque, conforme reconhecido pela Resolução 1483 do Conselho de Segurança da ONU (CSONU). Boa parte da historiografia das Relações Internacionais enfatiza o caráter intervencionista dos EUA neste processo que enquanto ator hegemônico do sistema internacional promoveu a invasão do Iraque. No entanto, desde a invasão, norte-americanos e britânicos contaram com o apoio de determinadas elites do poder iraquiano para respaldar as suas ações. Essas elites eram compostas por grupos políticos em oposição ao partido Baath (de Saddam Hussein) que estiveram em interlocução com as potências ocidentais desde os anos 1990, participaram do processo de reconstrução em 2003 e posteriormente compuseram o corpo governamental do país desde o estabelecimento da nova constituição iraquiana de 2005. Desta forma, tem-se como hipótese que a articulação entre o governo dos EUA e essas elites locais iraquianas entre 1990 e 2003 foi fator determinante para concretização da derrubada de Saddam Hussein e a transformação nas estruturas de poder iraquiana desde então. Através de uma análise qualitativa das redes sociais (ARS) das elites iraquianas anti-baathistas, esta comunicação pretende demonstrar quem são essas lideranças da oposição iraquiana e como atuaram como sequazes dos EUA no Iraque desde 1990. Buscaremos identificar a articulação destas elites iraquianas não-governantes e o governo dos EUA dentro de um quadro mais amplo de ações intrusivas internacionais norte-americanas. Por fim, entendemos que esse processo de intervenção para transformação das estruturas políticas e econômicas do Iraque se enquadra dentro de um escopo de ação hegemônica norte-americana no Oriente Médio, pautado em princípios normativos liberais como promoção democrática e liberalização econômica.

Palavras-chave: Iraque; Estados Unidos da América; Elites do Poder; Relações Internacionais; Hegemonia.

⁵¹ Docente na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).

A política externa da República Árabe Unida para a América Latina: a Colômbia, o Chile e o Brasil

Victor Cecchini de Farias⁵²

O estudo analisa os acordos culturais estabelecidos entre a República Árabe Unida (RAU) e a “América Latina” em 1960, com enfoque nos tratados firmados com Brasil, Chile e Colômbia. O trabalho investiga as intencionalidades da RAU ao estabelecer acordos culturais com a América Latina, questionando o papel do envio de professores dentro desses objetivos. A escolha por Brasil, Chile e Colômbia justifica-se pelo fato de que esses três países firmaram tratados com a RAU no mesmo ano, com diferenças de apenas alguns meses. Gamal Abdel Nasser, à época presidente da RAU, era uma figura central no “Mundo Árabe” e no Movimento dos Países Não-Alinhados, o que adicionava complexidade às relações diplomáticas, especialmente diante das tensões da Guerra Fria e da influência dos Estados Unidos na região. A pesquisa propõe um olhar sobre a política externa das décadas de 1950 e 1960 entre “potências médias”, contribuindo para a compreensão dos interesses de nações de fora do centro do capital, para além das perspectivas das grandes potências mundiais. A tese sustenta que a atuação da RAU na América Latina seguiu um *modus operandi*, buscando influenciar as “comunidades árabes” nos países estudados por meio de profissionais qualificados, como professores. O objetivo seria consolidar a imagem de Nasser, fortalecer o apoio ao seu governo e promover suas perspectivas unionistas dentro do nacionalismo árabe. Como as comunidades árabes mantinham fortes vínculos com suas regiões de origem (especialmente Síria, Líbano e Palestina), a RAU buscava estabelecer sua autoridade entre esses grupos. Além disso, pretendia aproximar-se de atores políticos e sociais no Brasil, Chile e Colômbia para angariar suporte em foros internacionais, como a ONU, particularmente em posições contrárias ao Estado de Israel, visando seu isolamento político.

Palavras-chave: República Árabe Unida; América Latina; Diplomacia Cultural; Professores.

⁵² Doutorando, Universidade de São Paulo.

As diferentes perspectivas sobre a inserção internacional da Arábia Saudita: as relações com os Estados Unidos, China e Rússia

Katarina Vinagre Braga⁵³

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a inserção internacional da Arábia Saudita, tendo como perspectiva de investigação a relação com os EUA, China e Rússia. O estudo busca estabelecer um panorama sobre o processo de inserção internacional saudita e suas relações com grandes potências, investigando de que forma é possível analisar essas conexões na contemporaneidade, através de uma revisão bibliográfica dos principais estudiosos e teóricos sobre as temáticas que abarcam essa pesquisa. O trabalho começa com um retrato histórico das relações internacionais da Arábia Saudita, abrangendo desde sua formação até o período pós-Primavera Árabe (2011), destacando como esses processos históricos impactam nas interações sauditas com as três potências. Com essa base, a pesquisa se concentrará nas discussões e desenvolvimentos atuais da política externa saudita, apresentando análises e dados sobre as relações da Arábia Saudita com essas potências, oferecendo um recorte de sua inserção internacional. Por fim, o trabalho conclui e considera a transformação na relação entre EUA e Arábia Saudita, que impacta a presença norte-americana no Oriente médio, e sua relação com o crescimento da influência da China e Rússia na região, especialmente por conta da intensificação e fortalecimento das relações comerciais, políticas e diplomáticas com a Arábia Saudita.

Palavras-chave: Arábia Saudita; Estados Unidos; China; Rússia; Inserção Internacional.

⁵³ Mestranda, Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (Unesp, Unicamp, Puc-SP).

O editorial-enciclopédia: o enquadramento emocional dos árabes pela imprensa estadunidense, 1956-1958

Matheus Paranhos Giolo Mezadri⁵⁴

Em meados da década de 1950, com o agravamento das tensões no Oriente Médio e a descolonização no Norte da África, os Estados Unidos, ao lado das antigas potências coloniais, protagonizaram uma disputa com a União Soviética, desafiando os movimentos nacionalistas e colocando em xeque sua autonomia da região. Nessa reorganização do cenário geopolítico, o Pacto de Bagdá (1955) e a intervenção no Canal de Suez (1956) são expoentes de um colonialismo que tentava ressuscitar seus tentáculos, seja por alianças militares, que se basearam na retórica do perigo do avanço do comunismo, ou pela intervenção armada, a partir do momento que os movimentos nacionalistas ameaçaram os interesses econômicos ocidentais na região. A imprensa estadunidense também foi palco de disputas entre diversas posições que, sobretudo, tentavam se encaixar no teatro do Oriente Médio, negociando as reivindicações nacionalistas juntamente com o apoio político e econômico gerenciado pelo governo estadunidense. Ao tentar elucidar a situação da região – dos seus povos, da sua economia e da sua geografia – jornais, como o *The New York Times*, e revistas, como a *Newsweek Magazine*, produziram verdadeiras enciclopédias ilustradas sobre a população árabe. Além desse esforço epistemológico, um certo retrato psicológico começou a ser desenhado, relacionando os movimentos por libertação e/ou união (como o panarabismo) com determinadas condições emocionais, que congregavam líderes políticos “carismáticos” com uma população “facilmente manipulável”. A desqualificação da mobilização árabe, ao mesmo tempo, serviu aos interesses políticos ocidentais, que não hesitaram em convocar seus estereótipos orientalistas e seu discurso “civilizador”.

Palavras-chave: Oriente Médio; anticomunismo; nacionalismo árabe; imperialismo; emoções.

⁵⁴ Mestrando, UFRJ.

Chickens for KFC?: ativismo queer e contestação de normas internacionais no contexto do genocídio palestino

Gabriel Semerene⁵⁵

Formado nos anos 2000 por iniciativa conjunta do movimento queer palestino e do movimento BDS (boicote, desinvestimentos e sanções), o ativismo queer transnacional pela libertação palestina (AQTLP) é um movimento social global que se opõe ao “*pinkwashing*” — termo empregado por ativistas para descrever o uso da retórica pró-minorias sexuais e de gênero para justificar a colonização israelense da Palestina. O *pinkwashing* como estratégia de propaganda israelense existe pelo menos desde o lançamento da campanha governamental *Brand Israel* em 2005. No entanto, desde o 7 de outubro de 2023, houve significativa intensificação no uso do *pinkwashing* no quadro da retórica sionista, como ilustra discurso de Benjamin Netanyahu diante do Congresso dos EUA. Nessa ocasião, Netanyahu afirmou que militantes queers pela libertação palestina seriam como “*chickens for KFC*”, isto é, estariam defendendo seus próprios algozes, mobilizando a imagem da sociedade palestina como excepcionalmente homofóbica. A reação do AQTLP ao longo do genocídio palestino foi contundente, levando a diversas manifestações pelo mundo e culminando na suspensão da Aguda, associação LGBT israelense, da *International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans, and Intersex Association* (ILGA). A candidatura de Tel Aviv para sediar a conferência anual da ILGA em 2026 também foi anulada na mesma ocasião. Esta comunicação propõe-se a apresentar o desenvolvimento de uma pesquisa doutoral centrada nas dinâmicas políticas queers no contexto do genocídio na Faixa de Gaza desde 2023. Para tanto, apoia-se nos estudos de movimentos sociais e contestação à interpretação de normas internacionais relativas a minorias sexuais e de gênero, assim como na teoria queer de Relações Internacionais.

Palavras-chave: Palestina; Política internacional queer; Movimentos sociais; Militância queer.

⁵⁵ Doutorando, Universidade de Brasília.

Material didático: elaborando sequências didáticas para aprendizagem da frase genitiva do árabe

Diego Jeronimo Carmo⁵⁶

Esse trabalho apresenta uma proposta de elaboração de material didático sobre a frase genitiva do árabe, como solução para aprendizagem detectados a partir da pesquisa com aprendizes de língua árabe. A frase genitiva árabe, chamada *'iḍāfa*, é uma estrutura comum no idioma, sem correspondência de nomenclatura direta no português, o que provoca problemas de aprendizagem para os estudantes. Trata-se de um sintagma nominal formado por dois ou mais nomes, usado para estabelecer relação entre eles - a primeira palavra é regida pela segunda, atribuindo-lhe uma definição ou identidade, como em casa da menina; em árabe, *bait al-bint*, onde *bait* significa “casa” e, *al-bint*, “a menina”. Percebe que palavras são formadas por *'iḍāfa*, como nos casos de ciência da alma para psicologia ou bola do pé para futebol. Verificamos que essa estrutura, ao nomear conceitos na língua árabe, comporta-se como um composto e representaria um recurso da língua para tradução de um conceito para quando a formação não se dá por derivação. Leva a atestar que ela vem sendo utilizada como um recurso para formar o léxico em árabe. A partir dessas conclusões, se propõe a confecção de um material didático com sequência didática para pessoas que estudam árabe, cujo objetivo é sanar problemas de aprendizagem da frase genitiva do árabe, pois, em algumas estruturas, não é plausível deduzir, como em garça, para a qual a tradução literal é “possuidor do triste” (*Mālik alḥazīn*). A hipótese que norteia a proposta de elaboração de material didático para resolver os equívocos de tradução das *'iḍāfas* “nomeadoras” é que as sequências didáticas poderão trazer um direcionamento de tradução nos casos; como de nomes de esportes cujo seria “bola do pé” (futebol), “bola do avião” (vôlei), tradução não literal motivada pela análise de outros compostos. A partir dessas observações, um material didático ajudaria os alunos no árabe, uma conclusão que se chegou a partir da aplicação de testes de tradução em pesquisas anteriores.

Palavras-chave: Frase genitiva; tradução; árabe; material didático.

⁵⁶ Graduando, UFRJ.

Por uma história do árabe magrebino a partir do acervo do Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Felipe Benjamin Francisco⁵⁷

Esta comunicação se propõe a demonstrar, na esteira de trabalhos recentes (Guerrero, 2022, 2023; Francisco, 2024), o valor da contribuição de correspondências luso-marroquinas, datadas do início da era moderna, para a compreensão da história da língua árabe no norte da África. Por meio de uma abordagem interdisciplinar que combina filologia e tradução com a dialetologia árabe histórica do Magrebe (Aguadé, 2018), o estudo tem como foco os manuscritos 45 e 46 preservados em *Documentos em caracteres árabes provenientes dos lugares de África* (Coleção de Cartas 1499/1690), no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Portugal. As cartas são atribuídas ao caudilho berbere Yahya u-Ta'fuft, ou Bentafuf, que se dirige ao seu senhor, rei D. Manuel I, no contexto das praças portuguesas, mais precisamente Safim, na primeira metade do séc. XVI. Curiosamente, esses documentos apresentam três versões que estão em: (1) árabe médio ocidental, (2) português arcaico e (3) aljamia portuguesa. Nesse sentido, a análise integrada dessas fontes nos permite visualizar o que talvez seja um estágio anterior dos atuais dialetos árabes em Marrocos, fornecendo evidências de manutenção e mudança no árabe vernáculo desta região através dos séculos. Para tal, partimos da edição árabe de P. Cénival (*Les Sources Inédites de L'Histoire du Maroc*, II, 1939); e da edição do texto aljamiado por D. Lopes (*Textos em Aljamia portuguesa*, 1897; 1940).

Palavras-chave: aljamia; árabe médio; Bentafuf; dialetologia árabe; manuscrito.

⁵⁷ Bacharel em Letras com habilitação em Árabe pela Universidade de São Paulo. Obteve o título de mestre em Letras pelo programa de Estudos Judaicos e Árabes (Área de atuação: Estudos Árabes) na FFLCH-USP e concluiu o doutorado (CAPES-DS) pelo mesmo programa com período sanduíche em Universidad de Cádiz (PDSE-CAPES). Realizou o pós-doutoramento pelo Instituto de Estudos Semíticos e Árabes da Universidade Livre de Berlim (Humboldt Foundation-CAPES) e, atualmente, é professor visitante no âmbito da Cátedra de Estudos Árabes (Professur für Arabistik) na Universidade de Bayreuth, na Alemanha.

Políticas Linguísticas e Contato: Questões Tangentes aos Arabismos Portugueses

João Lúcio Zambrotti Gusman⁵⁸

Quando comparada às influências germânicas, pré-romanas e afins, a influência árabe na língua portuguesa se restringe a grupos lexicais muito precisos na sociedade lusófona. Ora, os impactos não se expandem ao repertório fonético do português, tampouco à sua estrutura morfossintática, trazendo certa dificuldade àqueles que, nos pormenores, procurem elaborar uma pesquisa relativa a influências estruturais à língua portuguesa. Esse trabalho, porém, visa se apropriar dessa limitação de forma acadêmica e pedagógica, mostrando que isso muito diz sobre a relação concreta mantida entre os habitantes do território que nomeamos nos dias de hoje por Portugal e os arabófonos. É a partir dos grupos lexicais que podemos entender como se deu e com quais atitudes linguísticas foram recebidos os termos árabes, sem excluir também a especificação do estrato social em que esses termos foram incorporados. Outra questão central na pesquisa é a compreensão do papel das políticas linguísticas postas em prática de maneira não agressiva e seu impacto real na dinâmica social de uma comunidade de fala. Sabe-se que a dinâmica de uma língua tem sua centralidade no contato entre falantes, mas pode-se questionar até que ponto, no caso específico da língua portuguesa, apenas o contato é suficiente para a absorção de pontos estruturais e a incorporação de uma língua à vida cotidiana dessa comunidade. Tendo os pontos supracitados como pontos norteadores, o trabalho visa analisar e questionar certos aspectos relativos ao contato da língua árabe e da língua portuguesa.

Palavras-chave: Arabismos; políticas linguísticas; contato.

⁵⁸ Graduando, UNIUBE.

O Fenômeno da Diglossia no Egito: Impactos Sociolinguísticos e Culturais

Safaa Abdelmoneam Ahmed Ali e Taghreed Abolyazeed Hashem Alroshdy⁵⁹

A língua árabe, uma das mais antigas e influentes do mundo, evoluiu ao longo dos séculos, originando diversos dialetos influenciados por fatores históricos, geográficos, sociais e políticos. Segundo Ferguson, a diglossia ocorre quando duas variedades de uma língua são usadas em diferentes contextos por uma mesma comunidade. No árabe, essa distinção entre a língua formal e os dialetos regionais é especialmente marcante. A diglossia no Egito, assim como em outras regiões árabes, tem gerado discussões sobre os impactos sociais e culturais causados pela coexistência entre o Árabe Clássico, Árabe Padrão Moderno (Fusha) e os dialetos egípcios, caracterizando uma situação de triglossia. A partir disso, este artigo analisa os impactos sociolinguísticos e culturais dessa coexistência linguística, destacando seu papel na identidade cultural e religiosa da população egípcia. Além disso, discute-se as dificuldades enfrentadas tanto por falantes nativos quanto por estrangeiros no processo de navegação entre as duas variedades linguísticas. Para entender melhor essas dificuldades, foi realizada uma experiência prática em que foi utilizado o Árabe Padrão Moderno durante uma conversa com amigas que falam o dialeto egípcio. O objetivo foi observar as reações espontâneas e perceber como a mudança de variedade linguística afetaria a naturalidade da comunicação. As reações evidenciaram o desconforto gerado pela transição inesperada entre as variedades. Por fim, o estudo aborda o futuro da língua árabe no Egito diante da globalização e dos avanços tecnológicos, analisando se a diglossia continuará a moldar o cenário linguístico ou se levará a novas mudanças no uso do idioma.

Palavras-chave: Diglossia; Árabe Padrão Moderno; Árabe Egípcio; Variedades Linguísticas; Cultura Egípcia.

⁵⁹ Safaa Abdelmoneam Ahmed Ali é mestranda na Universidade Federal do Norte do Tocantins. Taghreed Abolyazeed Hashem Alroshdy é mestranda na Universidade Federal do Acre.

Os empréstimos da tradução literária do árabe ao português no romance “Damas da Lua”

Laura Faria Porto Borges⁶⁰

A presença de termos conservados em árabe e transliterados em duas traduções do romance omanita *Sayyidāt alqamar* (2010), de Jokha Alharithi, desperta o interesse sob a perspectiva dos estudos tradutológicos. O cotejo foi feito entre a tradução para o português, de Safa Jubran, com o título “Damas da Lua” (2020), e a tradução para o inglês, feita por Marilyn Booth, com o título *Celestial Bodies* (2018). Em ambas as traduções, encontramos palavras que não foram efetivamente traduzidas, mas sim, transliteradas, isto é, transpostas ao alfabeto latino: termos como *wallahi*, *machallah* e *bismillah* são frequentes em ambas as traduções, e, também, são frequentes os recursos utilizados pelas tradutoras para permitir que o leitor compreenda o significado dessas palavras e expressões: se serão adaptados por expressões usuais da língua de chegada ou se serão traduzidos de uma forma mais literal, revelando a lógica incomum de certa imagem ou metáfora, todos são recursos possíveis e utilizados de maneira diferentes por cada uma das tradutoras. Finalmente, procuramos discutir o que essas escolhas tradutológicas revelam sobre diferentes perspectivas do tradutor frente ao próprio processo da tradução, no caso específico do romance de Alharithi. A discussão proposta teve como base bibliográfica os trabalhos de Berman (2012) e Venuti (1986) sobre a “domesticação” ou “exotização” na tradução. Apesar de frequente, o uso de palavras em árabe transliteradas nas traduções não encontra ainda a atenção necessária nos estudos tradutórios.

Palavras-chave: Empréstimo; Jokha Alharithi; Literatura Árabe; Tradução.

⁶⁰ Bacharel em Letras Português-Árabe pela Universidade de São Paulo e monitora do Centro de Estudos Palestinos (CEPal - FFLCH/USP).

Traduzir o feminismo árabe: análise de textos de escritoras egípcias do fim do século XX

Maria Carolina Gonçalves⁶¹

Traduzir textos feministas do árabe para o português envolve uma série de desafios, a começar pela própria palavra “feminismo” em língua árabe. Até o século XX, as palavras *niswiyya* (نسوية) e *nisā'iyya* (نسائية) foram empregadas de forma ambígua nos textos, podendo se referir tanto ao feminismo quanto a tudo aquilo que diz respeito às mulheres de modo geral. Foi apenas no fim do século XX, com debates sobre temas como gênero e escrita de autoria feminina, que se consolidou o termo *niswiyya* em referência ao feminismo. Escritoras como a egípcia Latifa al-Zayyat (1923-1996) passaram a publicar textos contendo reflexões sobre sua identidade e sua escrita. No entanto, é possível observar certa rejeição do termo “feminista” por parte de diversas escritoras ao longo do século XX. Nesse sentido, Hoda Elsadda (2012) destaca rótulos e ideias negativas que foram atribuídos ao feminismo e à autoria feminina no contexto árabe. As escritoras egípcias Nura Amin (1970-) e May Telmissany (1965-), por exemplo, receberam críticas a suas obras que se concentraram apenas em aspectos individuais, e não nos temas sociais mais amplos presentes nos textos. A escritora egípcia Nawal El-Saadawi (1931-2021), um dos principais nomes do feminismo em língua árabe, teve alguns de seus romances classificados pela crítica literária como textos autobiográficos. Além disso, quando traduzida para outros idiomas, sua obra passou por alterações significativas de conteúdo, o que influenciou a recepção da escritora não apenas nos países onde sua obra foi traduzida, mas também em seu país de origem. Esta pesquisa reflete sobre o feminismo em língua árabe com foco no Egito a partir da tradução de uma seleção de textos de autoria de escritoras egípcias publicados no fim do século XX. A pesquisa se volta também à recepção dessas autoras, tanto nos círculos literários árabes quanto em tradução para outros idiomas.

Palavras-chave: feminismo árabe; literatura egípcia; tradução feminista; escritoras egípcias; recepção.

⁶¹ Doutoranda e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução (PPG-LETRA) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Concluiu as graduações em Letras com habilitação em Árabe e em Jornalismo, ambas pela USP. É professora de árabe e de português como língua estrangeira e tradutora literária. Traduziu diversos títulos do árabe para o português pela editora Tabla.

Operação Historiográfica e o Orientalismo: A tradução da riḥlah de Ibn Baṭṭūḥah no século XIX

Pietro Enrico Menegatti de Chiara⁶²

Ibn Baṭṭūḥah foi um viajante islâmico do século XIV, cuja jornada pelo mundo islâmico e além se estendeu por aproximadamente trinta anos. Ao retornar, ele produziu um extenso relato de viagens, que foi transcrito e organizado pelo poeta Ibn Juzayy, a pedido do sultão Marínida. Esse documento, além de ser uma fonte histórica sobre os territórios percorridos, tornou-se objeto de interesse e disputa ao longo dos séculos. A comunicação propõe uma análise detalhada da trajetória desse relato, com ênfase na sua recepção e tradução por europeus no século XIX. Essas traduções não ocorreram de maneira neutra, mas inseridas dentro de um contexto de dominação colonial, no qual o conhecimento sobre o mundo islâmico era apropriado e reinterpretado a partir de uma perspectiva eurocêntrica. Para explorar essa questão, são mobilizados os conceitos de Orientalismo (Orientalismo, Edward Said) e Operação Historiográfica (A Escrita da História, Michel de Certeau), investigando como a produção do saber histórico esteve atrelada a relações de poder. Além disso, o estudo examina o uso dos manuscritos do relato por europeus como parte de um processo mais amplo de apropriação intelectual. A constituição e a padronização desse material nos arquivos europeus não apenas consolidaram uma visão colonial do conhecimento, mas também reforçaram estruturas institucionais voltadas para o domínio e controle da história islâmica.

Palavras-chave: Ibn Battuta; Rihla; Orientalismo; Tradução; Operação Historiográfica.

⁶² Mestrando, UFES.

O desafio de traduzir os termos filosóficos em Gibran

Thariq Mohamede Osman⁶³

Gibran Khalil Gibran, escritor libanês, nasceu na cidade de Bcharre, no Líbano, e imigrante residente em Nova York, alcançou grande notoriedade como escritor, sendo reconhecido por sua abordagem literária profundamente espiritualista, romântica e filosófica. Seu estilo único de escrita, que mescla sentimentos e reflexões profundas sobre a vida e o ser, é amplamente associado à filosofia nietzschiana, à obra de Avicena (ou Ibn Sina), ao existencialismo e ao pensamento aristotélico. Em suas obras, temas como niilismo, a natureza da alma e a crise do ser humano são explorados de maneira intensa e poética, convidando o leitor a questionar suas próprias existências e valores. Na sua obra *As Tempestades* (1905) e no *Opúsculo sobre a Arte da Música* (1920), Gibran apresenta uma linguagem rica e multifacetada, utilizando diversos termos filosóficos e espirituais que possuem significados profundos e, muitas vezes, difíceis de traduzir. Entre os termos mais complexos e relevantes estão: Ruh e Nafs (que se referem à Alma), Jassad e Jissm (que correspondem ao Corpo) e Wujida e Khuliq (conceitos que abordam a ideia de Existir e Criar). Esses termos exigem do tradutor uma profunda compreensão das doutrinas filosóficas e religiosas que Gibran incorpora em sua obra, a fim de manter a fidelidade aos significados originais.

Palavras-chave: Gibran Khalil Gibran; Mahjar; Tradução.

⁶³ Graduado em Letras (Português e Árabe), pela Universidade de São Paulo, membro do grupo Tarjama CNPQ. Tradutor de *A Menina Lilás*, de Ibtissam Barakat e Dantela, de Mona Kamel.

A Literatura Árabe e sua tradução em português: a figuração da tradução cultural em “O Beco do Pilão” de Naguib Mahfouz

Taghreed Abolyazeed Hashem Alroshdy⁶⁴

A literatura árabe possui uma rica tradição que atravessa séculos, desde a poesia pré-islâmica até os romances contemporâneos. Dentro desse vasto universo literário, Naguib Mahfouz (1911-2006) destaca-se como um dos mais importantes escritores árabes do século XX, sendo o primeiro autor da língua árabe a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura em 1988. A literatura de Mahfouz é repleta de referências culturais, religiosas e históricas do Egito, o que exige adaptações na tradução para manter o sentido original. *O Beco do Pilão* foi escrito por Mahfouz em 1947. A obra é um terreno rico de expressões e referências culturais e religiosas. Este trabalho discute a importância da literatura árabe, o impacto de Naguib Mahfouz, os desafios e estratégias na tradução de suas obras para o português e a necessidade de dedicar mais esforços para o desenvolvimento do movimento de tradução entre os dois idiomas. Para tanto, propõe-se, nesta comunicação, examinar a tradução cultural no romance *Beco do Pilão* (1947). O referencial teórico selecionado para sustentar a proposta dialoga com as reflexões de Lawrence Venuti (1995), Homi Bhabha (2006) e Edward Said (2004), respectivamente sobre os conceitos de tradução cultural, domesticação e estrangeirização e orientalismo. A metodologia do trabalho é de cunho bibliográfico. Os resultados e conclusões provisórios da investigação são os(as) de que tanto a tradução linguística quanto tradução cultural da obra de Naguib Mahfouz são atravessados por um olhar em constante trânsito, contato e diálodo, o que contribui para ampliação das relações entre as literaturas, os imaginários e sociedades latino-americanos e árabes.

Palavras-chave: Literatura árabe; Naguib Mahfouz; tradução cultural; língua portuguesa, cultura árabe.

⁶⁴ Mestranda, Universidade Federal do Acre (UFAC).

Las traducciones del *Quijote* al árabe moderno

Shadi Rohana⁶⁵

Al leer la novela *El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha* del autor español Miguel de Cervantes, el lector árabe no puede ser indiferente. En esta novela española del siglo XVII existe un sinnúmero de referencias a la presencia árabe-islámica en la Península ibérica: la geografía, palabras españolas de origen árabe, la cuestión morisca y personajes moriscos, guerra contra el Imperio otomano, conflictos entre musulmanes y cristianos en el Mediterráneo y personajes que hablan en lengua árabe. Dicha presencia es conocida por los árabes como “Al Ándalus”: un territorio y cultura que se extendió, de forma cambiante, en la Península ibérica desde el año 711 hasta la caída de Granada/Ghurnaata en 1492. ¿De qué manera, en nuestros días, los árabes han leído, interpretado y traducido al árabe moderno aquella herencia de andalusí en el *Quijote*? Para responder a esta pregunta, narraré la historia de las diversas traducciones del *Quijote* al árabe moderno, desde mediados del siglo XIX hasta el siglo XXI, así como la recepción de la novela y sus personajes en varios contextos de habla árabe tanto en la región de el Magreb como del Máshreq.

Palavras-chave: Al-Ándalus; traducción árabe-español; el *Quijote*.

⁶⁵ Professor de Língua e Literatura Árabes do Centro de Estudos da Asia e da África, El Colegio de México.

Mark Sykes: orientalista ou administrador colonial? Colonialismo britânico no Oriente Médio em disputa (1914-1917)

Maria Francisca Soares Theberge⁶⁶

O personagem privilegiado por essa comunicação é Sir Mark Sykes – um coronel, diplomata, parlamentar e intelectual de uma família de senhores de terras dos *woulds* de York. Pouco nos lembramos de Mark Sykes, no que pese o fato de que suas ações enquanto diplomata e formulador de políticas imperialistas tiveram impacto muito significativo e duradouro na região – tendo sido, sobretudo entre 1914 e 1917, o grande *expert* do governo britânico em todos os assuntos que envolviam o Oriente Médio – cabendo o destaque da formulação e assinatura do Acordo Sykes-Picot (1916). O objetivo desta comunicação é operacionalizar uma discussão sobre o caráter da relação entre o discurso sobre o Oriente com a ação colonial britânica direcionada a esta região e os povos que ali viviam. Para tal, utilizaremos como fonte de pesquisa a produção epistolar de Sykes entre 1914 e 1917 para construir essa tecedura reflexiva, identificada em sua póstuma biografia “His Life and Letters” (1923), publicada por Shane Leslie. Mark Sykes é um personagem interessante para refletirmos sobre o encontro entre o discurso orientalista e a produção de políticas coloniais na região do Levante, pois sua trajetória particular engendra ambos ofícios, evidenciando os limites conceituais de se apreender a prática “orientalista” como um ofício puramente literário. Além disso, trata-se de desvelar elementos do expressivo conflito e disputa que se davam no coração da administração colonial britânica acerca do que o futuro reservaria para o Oriente Médio e como muitas das políticas implementadas no período da Grande Guerra coincidem também com o período de laboração do Oriente Médio contemporâneo.

Palavras-chave: primeira guerra mundial; Oriente Médio; orientalismo; administração colonial no Oriente Médio.

⁶⁶ Graduanda do curso de História, UFF.

A língua e a cultura árabes como herança no romance “Uma casa com cheiro de pão”

Érica Sarsur⁶⁷

Esta comunicação se insere no eixo 12. Novas perspectivas sobre a diáspora e procura analisar, sob o prisma dos estudos de língua de herança (ORTALE, 2016) a presença da língua e da cultura árabes tal como retratadas no romance “Uma casa com cheiro de pão”, de autoria de Érica Sarsur (2024). A obra narra a trajetória de uma família que imigra da Síria para o Brasil no início do século XX. A narrativa mostra os impactos da política de repressão linguística da Era Vargas na comunidade síria local e na transmissão da língua árabe no seio da família retratada; evidencia como os valores religiosos, culturais, éticos e familiares são transmitidos de geração em geração, ainda depois de sua instalação no Brasil, da integração com brasileiros e com pessoas oriundas de outros grupos migratórios. A forte presença de elementos da cozinha árabe nos permite mobilizar o conceito de “cozinha de herança”, proposto por Azevedo e Ortale (2019). A história se baseia em entrevistas realizadas com membros de uma família síria residente em Belo Horizonte (MG), com representantes de 4 gerações nascidas no Brasil. Nossa análise se apoia nos estudos brasileiros recentes sobre língua, cultura e cozinha de herança (CORRIAS, 2019; ORTALE & SALVATTO 2022; AZEVEDO, SARSUR & VOLOSCHEN, 2024; DOURADO, 2024). A comunicação busca também dar visibilidade à literatura contemporânea produzida por membros da diáspora no Brasil, bem como às diferentes realidades políticas, geográficas e sociais encontradas pelos árabes para a América Latina através das décadas.

Palavras-chave: Imigração síria; língua de herança; cultura de herança; literatura; comunidade síria no Brasil.

⁶⁷ Docente da USP.

Quando a casa não é um lar: migração, sexualidade e gênero no Líbano

João Rodolfo Lopes Pereira⁶⁸

Durante minha pesquisa etnográfica realizada em 2019 sobre um centro comunitário LGBT em Beirute, no Líbano, pude conhecer diversos frequentadores e suas histórias de vida. Muitos deles eram pessoas em situação de refúgio, fugindo de guerras ou da opressão de suas sexualidades ou identidades de gênero por parte da família, da sociedade ou do governo. O contato com estas histórias de vida e o interesse por esta intersecção temática entre migração e sexualidade motiva a presente pesquisa. Parte significativa dos estudos de migração e de refúgio possui como recorte analítico a etnicidade, nacionalidade e, em menor número, o gênero das pessoas migrantes. Poucos são os debates que incluem a sexualidade no centro das reflexões. Antropólogos brasileiros como Isadora Lins França (2017), Vitor Lopes Andrade (2017) e Nathália Antonucci Fonseca (2020) são pioneiros ao discutir o universo humanitário do refúgio e suas ações na acolhida de pessoas LGBTI+ em situação de refúgio no Brasil. Minha proposta de pesquisa, portanto, é fazer uma análise interseccional que considere a sexualidade, o gênero e a etnicidade, neste caso a árabe, não como marcadores sociais com claras divisões, isolados entre si, mas sim como relacionais, compondo a forma como o sujeito se entende e é compreendido pela sociedade e como influem em suas jornadas migratórias, desde suas motivações, o deslocamento e a adaptação no local de destino escolhido. Para isto, utilizo-me não só de dados colhidos durante os quatro meses de pesquisa etnográfica que realizei durante meu mestrado (PEREIRA, 2020), mas proponho uma abordagem interdisciplinar entre Antropologia e História, compreendendo a importância desta última para compreender as formas de discurso e representação orientalista da sexualidade árabe institucionalizada e perpetuada por um Estado que, como herança de um mandato francês, construiu sua identidade nacional pautada em um projeto civilizacional e ocidentalizante.

Palavras-chave: refúgio; LGBTI+; etnografia; interseccionalidade; história de vida.

⁶⁸ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. Integrante do Núcleo de Estudos Sobre Marcadores Sociais da Diferença (NUMAS/USP) e do Núcleo de Estudos do Oriente Médio (NEOM/UFF).

Dança, política e identidade no Egito Nasserista: quais corpos representam a nação egípcia?

Naiara Müssnich Rotta Gomes de Assunção⁶⁹

A relação do mundo árabe-islâmico com a dança é ambígua e contraditória. Por um lado, amplos seguimentos da população e intérpretes religiosos encaram a dança profissional como um símbolo desonroso, disruptivo, com potencial para a perturbação social. Ao mesmo tempo, a dança é um importante meio de expressão social, aceitável – ou mesmo essencial – em celebrações como casamentos e outros encontros sociais, como uma manifestação legítima e necessária de alegria. No contexto egípcio, distintas expressões coreográficas foram, e ainda são, alvo de interpretações religiosas, regulamentações e políticas estatais. A presente comunicação expõe reflexões iniciais da pesquisa de doutorado em curso sobre as danças folclóricas egípcias e seu papel na construção da identidade nacional durante a consolidação da República do Egito sob Gamal Abdel Nasser (1956-1970). A partir da análise das coreografias e políticas culturais associadas à Trupe Reda e à Troupe Nacional de Artes Populares — ambas financiadas pelo Estado nasserista —, investiga-se de que maneira a dança foi instrumentalizada como ferramenta de representação e integração nacional. O estudo examina não apenas as danças promovidas por essas companhias, mas também aquelas que foram rejeitadas, evidenciando os critérios que orientaram a formação de uma identidade egípcia idealizada pelo governo. Ao abordar a interseção entre dança, política e identidade, a pesquisa busca compreender como a dança serviu para elaborar discursos sobre gênero, raça, etnia, classe, religião e nacionalidade, contribuindo para o projeto nacionalista de Nasser e para a redefinição das fronteiras entre tradição e modernidade na cultura egípcia.

Palavras-chave: Egito; Gamal Abdel Nasser; Dança; Folclore; Nacionalismos.

⁶⁹ Doutoranda, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Impactos do Orientalismo em imigrantes Palestinos que vivem no Brasil

Hyatt Haj Omar⁷⁰

A apresentação seria uma junção do contexto histórico da Palestina e do meu projeto de pesquisa para o mestrado. No contexto histórico, abordaria as principais ondas migratórias de Palestinos para o Brasil e as motivações para cada. Falaremos também da atual situação em Gaza e na Cisjordânia, considerando a diáspora palestina e a crise com refugiados palestinos ao redor do mundo. Já o estudo examina como as representações orientalistas reforçam estereótipos existentes sobre a comunidade árabe no Brasil e o impacto dessas representações na saúde mental de imigrantes palestinos e seus descendentes. Especificamente, considera-se como essas representações funcionam como fatores de estresse que influenciam os níveis de ansiedade nessa população. A partir de uma amostra diversificada que abrange uma variedade de experiências e narrativas de imigrantes palestinos e seus descendentes de diferentes idades, gêneros e históricos migratórios, esta pesquisa investiga tanto os efeitos geracionais, quanto as principais fontes de estresse associadas ao orientalismo no Brasil. Utilizando uma abordagem multimétodos, que combina um estudo quantitativo para avaliar sintomas de ansiedade e entrevistas qualitativas, o estudo explora os desafios psicológicos e os impactos identitários derivados das representações orientalistas. Os resultados esperados abrangem evidências que esses estereótipos não apenas persistem, mas também intensificam a ansiedade, destacando a necessidade de políticas públicas e intervenções de saúde mental culturalmente sensíveis.

Palavras-chave: Palestina; orientalismo; imigrantes; Oriente Médio.

⁷⁰ Mestranda, PUCRS.

A influência da diáspora na Política Externa Brasileira para com a região MENA

Luana Menezes⁷¹

A Política Externa Brasileira (PEB) evoluiu desde a independência do país em 1822, oscilando entre o alinhamento com potências hegemônicas e a busca por autonomia. Nesse contexto, a relação do Brasil com a região MENA (Oriente Médio e Norte da África) tem sido marcada por abordagens pragmáticas, especialmente em termos comerciais e diplomáticos. Desde a crise do petróleo nos anos 1970 até a diplomacia ativa dos governos Lula, o Brasil tem fortalecido seus laços com países árabes e muçulmanos, embora também tenha passado por períodos de distanciamento, como durante o governo Bolsonaro. Um dos aspectos menos estudados nessa dinâmica é a influência da diáspora MENA no Brasil, particularmente das comunidades libanesa, síria e palestina. Este estudo busca analisar o impacto dessas comunidades na formulação da PEB e em iniciativas de cooperação descentralizada, como o irmanamento de cidades. Será feita uma análise de como a diáspora contribui para a construção de narrativas sobre o Oriente Médio no Brasil e para a promoção de interesses específicos dentro da política nacional e internacional. Além disso, a pesquisa pretende problematizar o conceito de orientalismo no Brasil e seu impacto na percepção da região MENA e por fim, explorar o papel da cooperação descentralizada nas relações bilaterais e se a diáspora atua como um elo para fortalecer a diplomacia brasileira na região.

Palavras-chave: Política Externa Brasileira (PEB); MENA; Diáspora; Cooperação Descentralizada; Orientalismo.

⁷¹ Doutoranda, Universidad Autónoma de Madrid (UAM).

A diáspora sírio-libanesa e a formação da comunidade muçulmana em Barretos (SP)

Luís Augusto Meinberg Garcia⁷²

Ao longo das últimas duas décadas, as comunidades muçulmanas no Brasil têm vivenciado transformações significativas, desde novas formas de legitimação até estratégias de manutenção e expansão no cenário religioso do país. No interior de São Paulo, a presença muçulmana consolidou-se com a chegada de imigrantes sírio-libaneses na primeira metade do século XX, especialmente de duas aldeias do sul do Líbano, Kfarhamam e Hebbariyeh. Muitos desses imigrantes iniciaram suas trajetórias como comerciantes na capital e em diversas cidades do interior paulista, incluindo Barretos, Colina, Guaíra, Jaborandi, Monte Alto, Severínia e Bebedouro. Barretos, como maior polo urbano e industrial da região, tornou-se um centro de referência étnico e religioso para essa comunidade, que ali estabeleceu um importante marco religioso e cultural: uma das primeiras mesquitas do Brasil, cuja construção teve início em 1962 e foi concluída em 1976. Nesta comunicação, busco analisar a trajetória da imigração sírio-libanesa na cidade e as estratégias utilizadas para a manutenção e expansão do Islã no contexto local. Para isso, baseio-me em pesquisa antropológica e etnográfica com os membros da União Beneficente Muçulmana de Barretos, bem como na análise do acervo histórico mantido pela comunidade e nos registros do Museu Histórico, Artístico e Folclórico Ruy Menezes, o Museu Municipal de Barretos.

Palavras-chave: Diáspora sírio-libanesa; História; Islã; Barretos; Secularismo.

⁷² Mestre em Antropologia Social (PPGAS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O Brasil e o patrimônio árabe muçulmano - pontes, rupturas e compreensão atual

Rogério Caetano⁷³

Esta comunicação visa evidenciar o estado da arte do conhecimento acadêmico brasileiro sobre temas da cultura e realidade árabe-muçulmana, com observações preliminares sobre quantidade produzida, principais temas e nível de implicação linguística dos pesquisadores em relação ao mundo árabe (se direto ou mediado por visões terceiras). Espera-se dar a conhecer, também, algumas publicações ou iniciativas de pesquisa e diálogo realizadas em outros países, o que permite nos situar em contexto e vislumbrar caminhos a seguir dentro das peculiaridades brasileiras. Parte-se da premissa que as diferenças de biomas, de gramáticas e cosmovisões forçam para baixo o nível de interpenetração entre a “brasilidade” e a esfera árabe-muçulmana. Nosso país sofreu alheamento colonial, com perseguição da diversidade cultural dos negros e indígenas, em favor do elemento europeu, também academicamente infenso a uma série de desenvolvimentos culturais árabes-muçulmanos. Em suma, o processo histórico dizimou ou diluiu pontes culturais com o mundo árabe, as quais se davam pela herança africana, ibérica ou pelas levas migratórias pós 1880, gradualmente assimiladas à cultura local. Contudo, há possibilidade de reversão desse quadro no médio prazo, tendo em vista o atual adensamento do debate universitário, dos meios editoriais e das tecnologias de comunicação, com a vantagem de termos uma visão mais infensa a concepções colonialistas ou racistas, na busca de uma epistemologia não-hierarquizante e de uma genuína intercompreensão.

Palavras-chave: Civilização árabe-muçulmana; ciência brasileira; memória social; diversidade epistêmica.

⁷³ Egresso, UFMG.

Conflito entre árabes muçulmanos e católicos em 1914 na cidade de Salvador da Bahia

Adma Fadul Muhana⁷⁴

Em 6 de dezembro de 1914, um conflito de grandes proporções ocorreu na cidade de Salvador, envolvendo um grupo de árabes cristãos e outro de muçulmanos. Dele resultaram dois mortos, um de cada facção, além de vários feridos, tanto por facadas como por armas de fogo e dezenas de presos. Na segunda-feira, dia 07, todos os cinco principais jornais da cidade à época noticiaram com grande destaque o confronto ocorrido, que, ao que tudo indica, fora o ápice de uma série de agressões anteriores entre os dois grupos. Os jornais procuram explicar o incidente reportando-o às questões religiosas e políticas que, na Bahia, afetavam os emigrados do combalido Império Otomano e suas vinculações aos países europeus. No Brasil, “turcos” rapidamente se tornaram sinônimo de “árabe” (árabe muçulmano, vale dizer); ao passo que “sírio” passou a designar, de modo geral, os árabes cristãos originários do Líbano, região pertencente à Síria que seria ocupada pela França após a vitória dos aliados na Primeira Guerra. Apesar da evidente parcialidade dos repórteres e editores dos jornais, que se referem aos muçulmanos em termos sempre pejorativos (bandidos, desordeiros, turbulentos etc.), os relatos do conflito demonstram a existência de uma numerosa comunidade de indivíduos falantes de árabe em Salvador, no início do século XX, com mercadores estabelecidos e outros mascates disputando um lugar no comércio e, inclusive, um possível confronto de classe econômica entre esses dois grupos. Verifica-se também a atuação de autoridades jurídicas, diplomáticas e religiosas da cidade, na demonstração de apoio aos árabes de religião cristã, a despeito das averiguações policiais.

Palavras-chave: árabes, católicos X muçulmanos; Bahia, 1914.

⁷⁴ Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo. É professora titular em Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo, onde leciona desde 2004. Atuou como professora visitante na Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS – Paris (2012) e no Instituto Universitário de Lisboa – ISCTE – (2017-18). Sua principal linha de investigação concerne ao estudo da poética e retórica em autores dos séculos XVI a XVIII, do Brasil e de Portugal. Atualmente, trabalha com a circulação de manuscritos entre o Estado da Índia e o Estado do Brasil nos séculos XVI a XVIII, mas de vez em quando se aventura por outros temas a Oriente e mais recentes.

A diáspora entre o residual e o emergente: orientalismo, identidade e história

Gustavo Racy⁷⁵

A presente comunicação enseja uma reflexão sobre o sentido de identidade árabe a partir da experiência de ser árabe-diaspórico em São Paulo. Partindo da metodologia autoetnográfica, a fala buscará refletir sobre as possibilidades de organização, construção e compreensão da identidade árabe a partir da percepção da mesma em São Paulo, tanto no contexto histórico quanto no atual. Passando por um relato que articula elementos autoetnográficos confessionais-emotivos e analíticos-interpretativos, o texto debaterá, através dos conceitos de “residual e emergente”, a hipótese de haver uma atmosfera política atual em que conhecimento se confunde com ética, o que traz um problema para a questão da identidade quando vista pela relação entre árabes, brasileiros-árabes e brasileiros não-árabes, principalmente num ambiente de classe média. Embora não nos detenhamos, aqui, no conceito de identidade como categoria filosófica voltada para a construção da subjetividade a partir dos processos sócio-históricos, a comunicação argumentará a favor de uma identidade entendida enquanto possibilidade a partir da noção de forma-de-vida, em que se almeja o encontro entre a forma e o conteúdo de uma vida a partir de uma ética política que, no caso explorado, extrapola a forma das representações assumidas por um ativismo e academicismo rasos relativos à(s) realidade(s) árabe(s). Em nosso caso específico, e seguindo a proposta autoetnográfica, a identidade como possibilidade é articulada a partir de uma iniciativa colaborativa e independente encabeçada pelo proponente, junto a outros integrantes do chamado “mundo árabe” e suas diásporas.

Palavras-chave: Identidade árabe; orientalismo; história da diáspora árabe; diáspora árabe; residual e emergente.

⁷⁵ Pós-doutorando, UNIFESP.

As línguas de sinais utilizadas no mundo Árabe

Karina Ávila Pereira⁷⁶

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de Pós-doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiás, a qual tem o objetivo de fazer uma revisão bibliográfica acerca das Línguas de sinais Árabes (ARSLs) no que tange suas origens e disseminação como também mostrar aspectos interculturais entre os usuários dessas línguas. A pesquisa tem a intenção de contribuir para uma visão geral das línguas de sinais do mundo árabe, sendo uma das questões que norteiam o trabalho dizem respeito à qual conceito de surdez é utilizado no mundo árabe? Quais são as similaridades e distanciamentos entre as diversas línguas de sinais utilizadas pela comunidade surda árabe? Por tratar-se de um assunto que não possui quase material disponível e principalmente em língua portuguesa, a metodologia escolhida foi pesquisa bibliográfica para averiguar o material científico publicado. Nesse sentido, a presente pesquisa objetiva também possibilitar acessibilidade científica de artigos publicados nessa área de conhecimento que estão em sua maioria em árabe ou em inglês como os estudos de Al-Fityani e Padden (2008), Abdel-Fattah (2005), Hendricks (2008).

Palavras-chave: Línguas de Sinais Árabes; Interculturalidade, Comunidade Surda Árabe.

⁷⁶ Pós-doutoranda, Universidade Federal de Goiás.

A atividade social como o objeto de ensino de língua árabe na universidade: um caminho diferenciado

Mona Mohamad Hawi⁷⁷

A língua árabe, considerada uma língua política e fundamental nas relações internacionais, é, atualmente, a 8ª língua oficial da ONU. Ela oferece uma combinação de habilidades linguísticas que pode ser aplicada em mais de 20 países, com quase 300 milhões de falantes nativos. Muitos, no entanto, enxergam-na como uma língua de difícil aprendizado, ou por não estarem acostumados à sua fonética ou ainda à sua escrita. No entanto, como falante e professora de língua árabe como língua estrangeira, tenho buscado compreender o ensino-aprendizagem dessa língua em sua totalidade, ou seja, procuro situá-la segundo a funcionalidade contextual da situação de produção da ação social, pois a maioria de materiais disponíveis para o ensino dessa língua negligencia o foco no produtor da ação e no seu interlocutor, priorizando situações de aprendizagem descontextualizadas de uma realidade situada. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar uma proposta de ensino de língua árabe pautada por uma reflexão sobre a vida (LIBERALI, 2009), considerando o contexto real de vida, ou conforme Marx e Engels (2006), pensar e trazer à tona a vida que se vive. O trabalho está fundamentado na Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural (TASHC) (VYGOTSKY, 2001; LEONTIEV, 1977; ENGESTROM, 1999), para compreender o processo de ensino-aprendizagem e a concepção de objeto de ensino a ser trabalhado, a partir do uso de instrumentos semióticos-culturais que viabilizam um maior diálogo entre os sujeitos e o objeto a ser alcançado. Ressalta-se que a elaboração de algumas unidades foram preparadas e aplicadas considerando o contexto mencionado e os resultados, quanto ao nível de compreensão e de escrita dos alunos, mostrou-se qualitativamente superior ao que vinha sendo anteriormente elaborado, uma vez que as situações apresentadas não se desvinculam do dia a dia do aprendiz e a materialização dessas ações requer escolhas linguísticas adequadas para fazer sentido àquilo que se pretende alcançar.

Palavras-chave: Língua árabe; Ensino- aprendizagem; Teoria da Atividade.

⁷⁷ Profa. Dra. no Departamento de Letras Orientais-Árabe com ensino de Língua árabe e Produção e Compreensão de textos árabes I e II. Profa. no PPG-LETRA na área de Estudos Linguísticos.

Como preparar estudantes brasileiros de árabe para o futuro? Apontamentos para um ensino integrado

Paula da Costa Caffaro⁷⁸

O árabe é ensinado, no Brasil, em escolas de ensino básico (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio), institutos de idiomas e em duas universidades públicas, a saber, a Universidade do Rio de Janeiro e a Universidade de São Paulo. As escolas que oferecem o árabe como língua estrangeira (LE), geralmente, estão ligadas a comunidades de imigrantes árabe-muçulmanos, tendo como público alvo direto seus descendentes, e, por esse motivo, o ensino da língua, da cultura e da religião costumam andar de mãos dadas. Já a maioria dos institutos de idiomas espalhados pelo país onde o árabe é ensinado e as duas universidades acima mencionadas recebem estudantes com diferentes propósitos que podem variar desde os objetivos acadêmicos, literários, tradutológicos, turísticos, culturais, religiosos. Considerando assim as demandas do mercado de trabalho atual, o interesse dos alunos tem se deslocado de um conhecimento meramente escrito do árabe ao domínio da prática oral e da comunicação interpessoal, por isso, os professores, muitas vezes, veem a necessidade de reconsiderar suas estratégias de ensino. Nesse sentido, surge uma pergunta: uma abordagem pautada apenas no árabe moderno padrão (MSA) daria conta de preparar os estudantes para a realidade linguística presente nos países árabes e, conseqüentemente, para seus objetivos com a língua árabe? Este trabalho pretende apresentar a Abordagem Integrada (HUNTLEY, 2018) para o ensino do árabe que pressupõe o ensino dos registros formal (MSA) e informal (um dialeto árabe) de maneira integrada desde o primeiro dia de aula, cada qual em seu contexto real de uso, indo ao encontro da realidade linguística multiglóssica (AL- BATAL, 1992) existente nos países árabes. Pretende-se ainda discutir comparativamente as propostas de dois livros didáticos que seguem essa abordagem e que apontam diretrizes para o ensino do árabe como uma só língua.

Palavras-chave: Ensino do árabe; abordagem integrada; árabe moderno padrão; árabe falado coloquial.

⁷⁸ Docente na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Refletindo sobre o ensino integrado do árabe: um relato de experiência em sala de aula

Paulo Vinicius Marques da Silva⁷⁹

O ensino do árabe como língua estrangeira (ALE) é historicamente marcado por uma visão dicotômica das suas variedades, influenciada por Ferguson (1959). Segundo o autor, existe uma variedade alta usada em espaços formais – Árabe Clássico/Escrito Moderno – e uma variedade baixa usada apenas em espaços informais – dialetos, ou seja, duas variedades de uma mesma língua selecionadas para cada contexto (FRANCISCO, 2019). Dessa forma, diversos materiais didáticos de ALE favorecem apenas o ensino do Árabe Escrito Moderno (AEM), ignorando as variedades faladas, que possuem suas próprias gramáticas, às vezes distintas do AEM (AL-BATAL, 2019) e não refletem as reais situações sociointeracionais do mundo árabe. Buscando compreensão da realidade linguística egípcia, Badawi (1973 *apud* BASSIOUNEY, 2020) identifica três variedades orais do árabe: Culto, Popular e Iltrado; e, na escrita, estão presentes as variedades Clássico e Moderno, sendo esta chamada por Badawi *et al.* (2004) e nomenclatura adotada neste trabalho como Escrito Moderno (*Modern Written Arabic*) para descrever a variedade moderna que ainda preserva as regras do Clássico. Diante dessa situação complexa, o presente trabalho analisa a abordagem adotada no curso CLAC – Cursos de Línguas Abertos à Comunidade, um curso de formação de professores da graduação da FL/UFRJ, de como o autor deste trabalho desenvolveu e aplicou ao longo das aulas estratégias de ensino para integrar o AEM e o dialetal egípcio, uma vez que um não-nativo de língua árabe encontra-se em um *continuum* de registros mesclados em diferentes situações comunicacionais (BASSIOUNEY, 2019; FRANCISCO, 2019), devendo, desta maneira, realizar a alternância de código apropriados ao ambiente. Para isso, verificou-se a necessidade de inserir um dialeto no curso, de modo a contemplar a comunicação espontânea e presente na mídia, que era o objetivo dos alunos. Observou-se que, durante o curso, promover a integração auxiliou na imersão cultural e familiarização da língua.

Palavras-chaves: Ensino do árabe; Ensino integrado; Sociolinguística; Dialeto Egípcio.

⁷⁹ Graduando, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O processo curatorial a partir do cinema palestino: a experiência da Mostra de Cinema Árabe Feminino

Ana Luisa Bambirra Alves⁸⁰

Esta comunicação se propõe a refletir sobre o processo curatorial da Mostra de Cinema Árabe Feminino. Com início em 2019, e, desde 2021, contando com Analu Bambirra, Carol Almeida e Alia Ayman em sua equipe de curadoria, o evento tem como objetivo a exibição de filmes de diversos gêneros dirigidos por mulheres árabes. Trata-se de um projeto a longo prazo, que almeja ser um lugar de pesquisa constante através do acesso a estas cinematografias e realizadoras, assim como a disponibilização para os públicos brasileiros. A presente comunicação se propõe a trazer um foco nos filmes palestinos exibidos na Mostra de Cinema Árabe Feminino - especificamente em três curtas-metragens exibidos em uma única sessão em 2024: “Gaza Elétrica” (Rosalind Nashashibi, 2014); “Mehdi Amel: O modo colonial de produção” (Mary Jirmanus Saba, 2024); e “Vibrações de Gaza” (Rehab Nazzal, 2022). Ao focar na sessão supracitada, a comunicação estabelecerá uma ponte entre a estética de tais filmes e o pensamento de Judith Butler no seu livro “Quadros de Guerra: quando a guerra é passível de luto?” (2009). Também fará parte da comunicação uma reflexão sobre o processo curatorial em diálogo com o conceito de “decolonialidade”, apresentado por Walter D. Mignolo e Catherine Walsh no livro “On decoloniality: Concepts, analytics, praxis” (2018).

Palavras-chave: Curadoria; Decolonialidade; Cinema; Mulheres; Palestina.

⁸⁰ Formada em Cinema e Audiovisual pelo Centro Universitário UNA em Belo Horizonte/MG. É curadora e coordenadora da Mostra de Cinema Árabe Feminino.

Gênero, colonialismo e justiça social: contribuições teóricas de feministas latino-americanas para a causa Palestina

Enndiel dos Santos Mendes⁸¹

A defesa pelos direitos das mulheres, imigrantes, povos originários e/ou grupos marginalizados, são lutas fundamentais para os feminismos latino-americanos engajados com a justiça social. Teóricas e ativistas no Brasil, Chile, Colômbia, Argentina — e em outros países da região — se engajaram e continuam a engajar-se na busca por reorientar as bases das Ciências Sociais que por muito tempo estiveram dominadas pelas concepções eurocêntricas. As feministas e os feminismos latino-americanos estabeleceram discussões amplas dentro e fora das universidades, ao abordarem questões associadas às construções das identidades, ao gênero, aos processos de colonização e à exploração capitalista. Autoras como Rita Segato (2003), Gloria Anzaldúa (2005), Sueli Carneiro (2005) e María Lugones (2008), exerceram grande impacto nos debates teóricos e políticos na América Latina. Estas, consideram que a luta pela libertação dos nossos corpos passa pela libertação do colonialismo, do imperialismo e de outras dimensões políticas e sociais e, portanto, muito próximo do que se tem buscado em relação a libertação e o fim do regime de *apartheid* na Palestina. Com a escalada do conflito em 2023, muitos questionamentos surgiram em relação à atuação das feministas ocidentais e o silêncio delas sobre o que vem acontecendo na Palestina. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é expor as contribuições de autoras feministas latino-americanas para fomentar o debate acerca da libertação Palestina no Brasil. Levando em consideração as aspirações teóricas de Edward Said (2007), visamos ampliar e realizar um estudo cuidadoso da relação entre os feminismos e a questão Palestina. Serão utilizadas abordagens feministas e decoloniais, engajadas com a busca por justiça social, para expor diferenças e aproximações entre os impasses vividos por mulheres e grupos marginalizados na América Latina e na Palestina, em relação ao legado colonial e a atual crise política que os circunscrevem.

Palavras-chave: Feminismos; Colonialidade; Solidariedade; Território; Oriente Médio.

⁸¹ Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC – Marília, SP) sob orientação da professora Dr^a Lídia Maria Vianna Possas. Também é pesquisadora do Centro Internacional de Estudos Árabes e Islâmicos (CEAI), da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Relatos de Mulheres Árabes Imigrantes: Desafios e Vivências no Brasil

Safaa Abdelmoneam Ahmed Ali⁸²

Este estudo é um recorte da pesquisa de mestrado intitulada “*Caminhos de Acolhimento: O Ensino de Português para Mulheres Imigrantes Árabes*”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins. Este estudo tem como objetivo analisar as experiências de adaptação de quatro mulheres árabes muçulmanas imigrantes no Brasil, considerando os desafios culturais, sociais e emocionais enfrentados em sua jornada. Embora a discriminação explícita nem sempre esteja presente, as entrevistadas relatam que a falta de conhecimento sobre a cultura e a religião islâmica gera equívocos e estereótipos, especialmente em relação ao papel da mulher muçulmana. A pesquisa baseia-se em entrevistas semiestruturadas e adota uma abordagem qualitativa, buscando compreender como essas mulheres lidam com as diferenças culturais, a adaptação ao novo ambiente e a manutenção de sua identidade. Um dos desafios mais marcantes é a sensação de isolamento e saudade da terra natal, bem como a dificuldade de se sentir parte da sociedade brasileira. Os relatos evidenciam a resiliência das imigrantes e o papel do Islã como suporte emocional e de resistência. A religião fortalece a conexão com suas origens e auxilia na preservação de valores. Além disso, comunidades islâmicas, redes de apoio e o compartilhamento cultural ajudam a reduzir o deslocamento e integrar-se à sociedade local. Este estudo, ao dar voz a essas mulheres, busca ampliar o debate sobre imigração, pertencimento e interculturalidade, destacando a importância de um acolhimento mais empático e informado. Ao compreender suas vivências, torna-se possível repensar a forma como a sociedade brasileira interage com diferentes grupos culturais, promovendo um ambiente mais inclusivo e receptivo para mulheres árabes muçulmanas imigrantes.

Palavras-chave: Mulheres Árabes Muçulmanas; Desafios Culturais; Adaptação.

⁸² Mestranda, Universidade Federal do Norte do Tocantins.

Damascos feridos: poemas para Gaza

Mírian Freitas⁸³

Damascos feridos é um livro de 53 poemas escritos sob o despertar de um sentimento de solidariedade em face ao genocídio perpetrado pelo estado de Israel contra a Palestina. Estes poemas nasceram diante da barbárie exibida, em tempo real, nas telas das TV's e dos *smartphones* de todo o mundo. O assassinato de crianças, mulheres, idosos e de todas as centenas de vítimas desse ataque criminoso contra os palestinos, despertou-me um sentimento de indignação e horror e, ao mesmo tempo, de misericórdia e esperança. Escrevi como se estivesse ali presente, nos ruídos de campos minados, entre os escombros e a explosão dos mísseis, trazendo a esses textos, o compromisso ético e estético de armar o leitor para o combate. A literatura é um veículo de testemunho sobre a história. É a porta-voz de um tempo; revela fatos atuais ou pretéritos às sociedades; além disso, a escrita literária também tem a missão de ser solidária – dar voz a dor de *um* outro –. Estes poemas são um apelo das vozes palestinas contra a violência e a conduta beligerante que fragmenta vidas. A poesia é esse movimento de resistência, de luta e de poder, principalmente para os palestinos, dentre eles Mahmud Darwich e Ghassan Kanafani. *Damascos feridos* simboliza, metaforicamente, as crianças machucadas e até mortas pelos ataques sionistas. A fruta damasco traz a cor do ouro, da alegria, assim como é ou deveria ser o universo infantil. As imagens coloridas que são a porta para cada uma das cinco partes temáticas do livro, reverberam o sentimento de esperança por um cessar-fogo e pelo renascimento do povo palestino. Nestes versos há a voz das crianças, das mães e de todos que foram silenciados pelos mísseis e bombas. Sobretudo, há o rebento da minha voz de mulher que sente na pele a dor do outro.

Palavras-chave: Poesia brasileira; Damascos Feridos; Genocídio; Palestina.

⁸³ Mirian Freitas é doutora em Literatura Comparada pela UFF, e professora do Núcleo de Línguas do IFSUDESTE, em Juiz de Fora.

A atual escalada do conflito entre Israel e Palestina: desafios e perspectivas para uma resolução pacífica

Gabriella Vono, Manuela Martins Kassab, Vitor Antonio Frutuoso Paes⁸⁴

Desde a escalada do conflito entre Israel e Palestina desencadeada pelo ataque àquele em 07 de outubro de 2023 e sua respectiva reação violenta, mostram-se imprescindíveis novas análises e perspectivas em prol de uma resolução pacífica. Para o efeito, cabe agregar à discussão tópicos pungentes na situação que nem sempre são considerados como prioridade, e que se apresentam simultaneamente como desafios atuais e como, muitas vezes, as próprias causas do conflito. Nesse sentido, nota-se que questões fulcrais do conflito, como o colonialismo, a disputa territorial, o ressentimento e marginalizações, hoje se manifestam como “novos” desafios ao processo de Paz - a assimetria entre Israel e Palestina (impedindo, inclusive, que esta consiga constituir um Estado-nação), crise humanitária e violência, principalmente. Para mais, os traumas sofridos por ambas as comunidades ainda nutrem fortemente os sentimentos de hostilidade entre as populações. Assim, este trabalho propõe que, mais do que focar nas elites políticas, que não mais demonstram grande interesse em engajar nas tentativas de conciliação, deve-se buscar incentivar a paz por meio de uma lógica *bottom-up*; isto é, promover formas gradativas de conciliação entre as populações envolvidas numa escala micro, evitando que lideranças oportunistas utilizem de sentimentos de aversão entre as comunidades de forma a se alçar ao poder e promover a deterioração de um quadro já delicado. Paralelamente a isso, urge a solução para a garantia de um Estado Palestino, para que tente se sanar - mesmo que parcialmente - a explícita assimetria em termos políticos na região.

Palavras-chave: Palestina; Israel; Resolução de Conflitos; Oriente Médio.

⁸⁴ Trabalho em grupo realizado por Gabriella Vono, Vitor Frutuoso e Manuela Kassab entregue durante o curso de Resolução de Conflitos e Perspectivas para a Paz lecionado no PPGRI San Tiago Dantas, em 2024.

Das práticas sociais genocidas ao genocídio palestino: uma breve análise sociológica

Aníbal Cenzi⁸⁵

A presente comunicação possui alguns objetivos. O primeiro deles é entender, ainda que de modo breve, a prática de genocídio em sentido sociológico. Como a definição da ONU, apresentada em sua *Convenção para a prevenção e punição do crime de genocídio*, possui alguns problemas sociológicos e muitas complicações jurídicas, as ciências sociais buscaram caminhos metodológicos e analíticos específicos para enfrentar a centralidade do genocídio na modernidade e na prática disciplinar. Assim, algumas definições serão apresentadas e discutidas com a finalidade de demarcar o campo dos “Estudos sobre Genocídio”, enfrentar questões que ultrapassam o ramo do direito e enquadrar o caso palestino como um genocídio. O segundo objetivo da comunicação visa apresentar uma breve discussão sobre os tipos de genocídio que a sociologia classificou. Lamentavelmente, o século XX assistiu muitos genocídios que não foram capazes nem de ser previstos, nem prevenidos, muito menos punidos, segundo a *Convenção* da ONU. Essa classificação também é fundamental para situar o caso do genocídio palestino como de um tipo que desafia as classificações sociológicas, pois mescla características de genocídios praticados em contextos de formação nacional, de contextos coloniais, de guerras de libertação colonial e um tipo de genocídio que busca reorganizar a sociedade, como foi o caso do genocídio argentino durante a ditadura de 1976. Por fim, se buscará estabelecer, fundamentado na historiografia sobre a colonização da palestina, da *Nakba*, das guerras e dos regimes impostos aos palestinos, um conjunto de “práticas sociais genocidas”, conceito elaborado pelo sociólogo argentino Daniel Feierstein, que permitirá estabelecer alguns aspectos dos processos sociais de caráter genocida que culminaram no genocídio iniciado em outubro de 2023. Refletir sobre essas práticas e processos sociais são fundamentais para entender que a prática do genocídio não é um fenômeno externo e isolado, mas constitutivo da sociedade que dá autorização à sua execução.

Palavras-chave: Palestina; práticas sociais genocidas; genocídio.

⁸⁵ Bacharel em Antropologia Social pela UFMG e graduando em História pela UNIFESP.

Por que “Apartheid”? “Israel” nos relatórios humanitários de Organizações da Sociedade Civil palestinas

Caio Fábio Sampaio Porto⁸⁶

Discuto o uso do “enquadramento Apartheid” por ativistas e organizações da sociedade civil palestina para classificar e teorizar “Israel”, por suas práticas discriminatórias contra a população palestina, como um regime de Apartheid do Rio Jordão ao Mar Mediterrâneo. Proibidos de narrar a própria história nos ambientes deliberativos e acadêmicos do Norte Global, os palestinos tem produzido conhecimento sobre as injustiças contra as quais resistem com os meios de que dispõem. A partir de relatórios de organizações palestinas de Direitos Humanos, como Al-Haq, e de documentos publicados por ONGs de Direitos Humanos, como Anistia Internacional e Human Rights Watch, proponho que o “enquadramento Apartheid”, quando mobilizado por pesquisadores palestinos, vai além da denúncia de violações do Direito Internacional ao fornecer uma alternativa para a análise da questão Palestina, conectando as violências física, estrutural e epistêmica como dimensões constitutivas de um mesmo sistema opressivo. Em diálogo com teorias sobre poder e a discussão sobre redes transnacionais de ativismo e a partir de entrevista com a autora de um desses relatórios, destaco a construção e uso da noção de “Apartheid” no contexto palestino como possível ferramenta de resistência na produção de conhecimento nativo. A análise sociológica do “enquadramento Apartheid” como alternativa dos oprimidos ao discurso oficial/colonial, concebida como ferramenta de produção de conhecimento e convencimento pró-Palestina, é fundamental para o entendimento das práticas de poder que sustentam o regime israelense e de como movimentos pró-Palestina atuam para promover solidariedade.

Palavras-chave: Sociologia dos Movimentos sociais; Estudos sobre Apartheid; Questão Israel-Palestina; Redes de ativismo transnacional; Direitos Humanos.

⁸⁶ Doutorando, Universidade de Brasília.

Hamas e o sete de outubro: a jihad palestina ainda pode ser chamada assim?

Marcelo Bamonte Seoane⁸⁷

Desde o ataque do Hamas a Israel no dia sete de outubro de 2023, a dinâmica do conflito entre Israel e as forças de resistência armada da Palestina tomou novos rumos, apresentando características singulares, apesar da longevidade do conflito e dos agentes envolvidos. O Hamas, pilar de sustentação da resistência islâmica no território, adotou novas estratégias de combate. Andando ao lado da questão militar prática, um conceito teórico e teológico do Islamismo ainda causa muita controvérsia entre analistas políticos e senso comum geral do Ocidente: a *Jihad*. Muitas vezes mal traduzido - ou intencionalmente mal interpretado - pode-se dizer que a resistência islâmica palestina se encaixa dentro deste termo? Ou o escopo da autodefesa armada do Hamas se mistura mais com características históricas que descrevem movimentos de libertação nacional? O objetivo do artigo é analisar, desde a operação militar do Hamas em outubro de 2023, como o conceito de *jihad* pode ser aplicado nos devidos contextos militares de autodefesa palestina, através da análise do desenvolvimento de suas táticas militares, declarações de oficiais do Hamas e o contraponto de Israel acerca das mesmas declarações. É possível considerar a ofensiva palestina como uma forma de *jihad*? O termo, que aparece no Alcorão Sagrado, cultiva o mesmo significado da escritura revelada ao profeta do Islã? Há significantes claros, na prática militar, que possam conectar os feitos do Hamas ao termo, ou o mesmo ainda serve como um pêndulo do ocidente para, desde os infames ataques do 11 de setembro de 2001, continuar a tática bélica de guerra ao terror? À partir da análise prática do conflito militar, se busca redefinir o conceito teórico, que pode nos fornecer, dentro do escopo de análises, uma caracterização mais precisa das intenções e desdobramentos do grupo paramilitar islâmico.

Palavras-chave: Hamas; Israel; Jihad; Palestina; Oriente Médio.

⁸⁷ Mestre, PUC-SP.

Jornalismo orientado para trauma e a questão palestina: reflexões sobre ética e narrativas no contexto midiático brasileiro

Vitória Paschoal Baldin⁸⁸

A cobertura da questão palestina no Brasil enfrenta desafios epistemológicos e éticos, sendo influenciada por polarização política, desinformação e pressões geopolíticas. O conflito palestino-israelense é um dos mais cobertos pela mídia global, mas também um dos mais sujeitos a distorções que reforçam desigualdades estruturais. Nesse contexto, *o jornalismo orientado para trauma* surge como uma abordagem que pode contribuir para narrativas mais responsáveis e comprometidas com os direitos humanos. Este artigo teórico-exploratório discute os potenciais e limites dessa abordagem na cobertura da Palestina pela mídia brasileira, analisando as interseções entre comunicação, colonialidade e violência. O jornalismo orientado para trauma reconhece os impactos do trauma sobre vítimas e jornalistas, exigindo um tratamento cuidadoso na condução de entrevistas e na elaboração das reportagens. A abordagem busca contextualizar a violência e evitar a revitimização das fontes, promovendo uma cobertura mais ética e responsável. No Brasil, um dos principais desafios é a dependência de agências internacionais e a dificuldade de acesso a fontes locais. No entanto, jornalistas podem mitigar esses limites ao buscar relatos de organizações palestinas, entrevistas remotas e análises de especialistas, evitando a reprodução acrítica de narrativas oficiais. Além disso, o uso de imagens e vídeos deve ser criterioso, evitando a estetização da dor. A abordagem orientada para trauma também exige que a cobertura reconheça a continuidade dos ciclos de violência, contextualizando eventos dentro de padrões históricos de violações de direitos humanos. Dessa forma, o jornalismo brasileiro pode superar enquadramentos episódicos e oferecer uma narrativa mais sensível, crítica e comprometida com a justiça social.

Palavras-chave: Palestina; Jornalismo orientado para trauma; Estudos para paz; Direitos humanos; Colonialidade.

⁸⁸ Doutoranda, Universidade de São Paulo - Escola de Comunicação e Artes.

Indagações a respeito do Conceito de consciência global a partir das representações de Rogério II no teto da Capela Palatina (Século XII)

Lael Batista de Souza Neto⁸⁹

No decorrer do governo do rei normando Rogério II (1130-1154) da Sicília, o monarca promoveu a construção de edificações de viés religioso. Minha pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso, ainda em estágio inicial, tem por objeto as representações do monarca no teto de muqarnas da Capela Palatina, pintadas por uma comitiva de pintores muçumanos, minha pesquisa se debruça particularmente em duas imagens do próprio Rogério II que se encontra representado dentro de uma ideia imagética de ciclo palaciano característico do mundo islâmico. Por sua vez, o objetivo desta comunicação consiste em analisar o conceito de consciência global e aplicá-lo nas reflexões a respeito do meu material de estudo, não apenas isso como também pensar no espaço da Sicília como um local cosmopolita de globalidades fluidas no medievo, que circulavam pelo Mediterrâneo e resultaram na constituição de todo um arquétipo político e cultural da Capela Palatina, rompendo com as discussões iniciadas a partir da década de 70 que visavam buscar uma origem para a comitiva de pintores da capela, mesmo sem fontes concretas para tal. A presente comunicação tem o intuito justamente de refletir sobre essas representações do monarca siciliano à luz do contexto de seu governo e da consciência de globalidade que é possível indagar dentro deste caso em específico.

Palavras-chave: Rogério II; Sicília medieval; Consciência global; Capela Palatina; Muqarnas.

⁸⁹ Graduando, Universidade Federal de Pernambuco.

A imaginação na filosofia de Ibn Sīnā

Marina Diel de Araujo⁹⁰

A presente comunicação visa apresentar o paradigma epistemológico proposto por Ibn Sīnā (Avicena) sobretudo em sua obra *Al-Shifa*, especificamente nos livros da alma e da metafísica. Ao refletir sobre a importância da potência da imaginação nas ações da alma, isto é, na cognição, aprendizagem outras conexões, podemos perceber que essa potência logra de um prestígio que não parece estar presente nos paradigmas ocidentais da teoria do conhecimento. A imaginação exerce papel fundamental nas profecias e nos sonhos premonitórios, explicando de maneira lógica a possibilidade de fenômenos que o Ocidente relegou ao campo pseudocientífico ou sobrenatural. Para além de explicar tais fenômenos, a ênfase na imaginação produz uma outra noção de “humano”: antes focada na possibilidade do exercício de suas potências do que na exigência do desenvolvimento de habilidades, competências ou produtividade. Isto é, ao abordarmos o modelo epistemológico aviceniano, é notável sua diferença com relação aos modelos de humano hoje. Sobretudo em tempos do genocídio do povo palestino transmitido ao vivo, importa questionar os impactos sobre a imaginação e a capacidade imaginativa para que as imagens não se percam de seu referente humano, real, isto é, importa retomar a importância das imagens e do efeito que elas exercem na alma, compreendendo a alma como princípio para as ações.

Palavras-chave: imaginação; filosofia árabe; Ibn Sīnā; epistemologia.

⁹⁰ Egressa, USP.

Uma tradução ilusionista de Hafiz de Chiraz e Jahân Malek-Khatun

Nicolas Voss⁹¹

Segundo Paul Ricoeur, a tradução se baseia num ato basilar de “construção de comparáveis”. Este trabalho busca expor os esforços de tradução da poesia persa clássica de Jahan Malek-Khatun e Hafiz de Chiraz para o português por intermédio da lírica galego-portuguesa - uma atividade de comparação que embasa e possibilita esta tradução. Cunhado por Jiří Levý, o conceito de tradução ilusionista descreve uma tradução que é feita com o intuito de ser lida no lugar do original, baseando-se num contrato de ilusão entre o tradutor e o público receptor. Baseando-se neste conceito, o trabalho demonstra como, por meio dessa comparação, se desenvolveu uma prática tradutória que buscou lidar com algumas das dificuldades encontradas na tradução da poesia persa em questão, como os versos longos empregados nos gazais, o esquema de rimas monórrimo e o metro particular do *roba’i*, a quadra persa. Descobre-se que a lírica galego-portuguesa, assim como a tradição trovadoresca de modo geral, têm elementos que podem ser usados para dirimir as dificuldades acima. Entre elas, pode-se citar o uso de versos compostos de 13, 14 e 15 sílabas, recorrentes na poesia galego-portuguesa precoce, bem como o verso de arte maior, que é caracterizado por seu ritmo anapéstico, ou ternário, podendo variar em extensão silábica. O primeiro pode ser usado para verter os versos longos dos metros persas empregados no gazal, enquanto o segundo se encaixa no verso do *roba’i*, de tamanho variável. Além de resolver os problemas encontrados na tradução, as abordagens utilizadas também servem para atender aos critérios da tradução ilusionista de Levý dentro do contexto brasileiro, que valoriza a presença de elementos estranhos no texto traduzido.

Palavras-chave: Poesia persa; tradução de poesia; Hafiz; Jahân.

⁹¹ Egresso, PUC-Rio.

Arte islâmica medieval de Portugal: entre a invisibilidade e o imaginário orientalista

Renata Fernandes Fontanillas⁹²

O passado medieval de Portugal foi marcado pela presença islâmica entre os séculos VIII e XII. No entanto, é muito raro encontrar qualquer alusão ao patrimônio material português desse período na literatura de referência sobre arte islâmica publicada até hoje. Isto significaria que Portugal passou mais de cinco séculos sob o domínio islâmico, mas sem produzir Arte islâmica? Apesar de o país possuir uma coleção de objetos de arte desse período, grande parte da qual composta por descobertas arqueológicas do último quarto do século XX, ao consultar a literatura especializada sobre Arte islâmica (em sua maioria em inglês, publicada entre 1968 e 2018), o al- Andalus que recebe a maior parte da atenção é exclusivamente aquele formado pelos ambientes áulicos e, portanto, aquele que vem de partes do que hoje é o território espanhol. Essa mesma literatura de referência tem sido responsável por discutir e estabelecer novas definições de “Arte islâmica” e ampliar os limites geográficos e temporais do Mundo islâmico. No entanto, o patrimônio português permanece omitido, vulgarizando a ideia de que a Arte islâmica está presente “da Espanha à China”. A análise da Arte islâmica medieval portuguesa no Brasil constitui uma via para se extrapolar o imaginário orientalista ainda vigente. Ademais, tal abordagem contribuirá para a instrumentalização e o fomento de futuras investigações sobre o patrimônio artístico islâmico que terá chegado ao Brasil, quer como um legado da colonização portuguesa, quer como fruto da diáspora árabe, nomeadamente aquela que se estabeleceu no país na primeira metade do séc. XX.

Palavras-chave: Arte islâmica portuguesa; Arte islâmica medieval; Portugal islâmico; Gharb al-Andalus; orientalismo.

⁹² Investigadora doutorada do ARTIS-IHA, Instituto de História da Arte da Universidade de Lisboa.

Narrativas Gráficas do Oriente Médio: Mediação Cultural, Testemunho e Ativismo na Construção de Quadros Interpretativos para o Público Ocidental

Guilherme Di Lorenzo⁹³

Nos últimos anos, as histórias em quadrinhos tornaram-se um meio relevante para a representação de experiências históricas, políticas e culturais. No caso do Oriente Médio, autores da região têm utilizado essa forma narrativa para oferecer novas perspectivas sobre seus países. Essas obras, direcionadas ao público ocidental, operam como mediadoras culturais, relatos históricos e instrumentos de ativismo político, promovendo novos quadros interpretativos sobre a região. Este estudo deriva da experiência docente em Relações Internacionais, explorando o uso de narrativas gráficas como fontes para a análise de representações culturais, políticas e históricas em sala de aula. Essas obras oferecem aos alunos um recurso instigante e acessível, facilitando a compreensão da história do Oriente Médio. A pesquisa adota uma abordagem interdisciplinar, combinando história cultural, estudos culturais, análise retórica e discursiva, observando a intertextualidade dessas obras e sua relação com representações difundidas do Oriente Médio no Ocidente. O estudo analisará graphic novels como *Persépolis* (Marjane Satrapi), *A Dança das Andorinhas* (Zeina Abirached), *Dare to Disappoint* (Özge Samanci), *O Árabe do Futuro* (Riad Sattouf) e *Diário Inquieto de Istambul* (Ersin Karabulut), explorando seus quadros interpretativos e estratégias de representação. O estudo se estrutura em três eixos principais, que correspondem às diferentes funções desempenhadas por essas narrativas: 1) Mediação cultural – atuam como tradutores simbólicos entre sociedades distintas, desafiando estereótipos e reformulando imagens predominantes do Oriente Médio no Ocidente; 2) Testemunho e narrativa histórica – cumprem a função de registrar o trauma e a memória coletiva, seja por meio da experiência pessoal dos autores, seja na reconstrução de relatos históricos; 3) Ativismo e engajamento político – operam como agentes transnacionais, promovendo debates sobre identidade, direitos humanos e conflitos políticos. Ao final, este estudo busca contribuir para o debate sobre representação, identidade e circulação cultural, destacando os quadrinhos como espaços de contestação simbólica e política.

Palavras-chave: Narrativas Gráficas; Representações; Mediação Cultural.

⁹³ Docente da PUC Minas.

Um debate sobre a escrita feminina: a mulher desvelada em Eva Luna moldada por Šahrāzād

Erica Schmidt⁹⁴

O objetivo desta comunicação é apresentar o resultado de análise realizada sobre o discurso feminino contido no romance *Eva Luna* (1987b), que foi construído por meio de relações dialógicas suscitadas na edificação do romance da chilena Isabel Allende, face ao *Livro das Mil e Uma Noites* (2015, 2021). Estas relações são determinadas a partir da apropriação do enredo central da obra do passado – narrar para sobreviver – incorporada ao texto do presente. Isto se verifica uma vez que, no romance, as histórias das personagens se entrelaçam, uma após a outra, edificando uma trama renovada. Dessa forma, acredita-se que, por meio da intertextualidade delineada por Allende, o prólogo moldura, formato pertencente ao *Livro das Mil e Uma Noites*, é transportado e reconstruído na voz de Eva. A protagonista do romance também emula histórias, porém faz isso pelas ruas em troca de dinheiro. Personificada na obra, a figura de Šahrāzād é rememorada, sendo então transladada e renovada na contemporaneidade através da prática narrativa característica do texto da Antiguidade. Aqui, busca-se demonstrar e discutir como a presença do discurso feminino, atributo imanente nos textos da autora, é explorada pela romancista em seu texto, instigada pela figura milenar. A fim de amparar a discussão, como corpus referência ao texto milenar, estipulou-se o uso da tradução em cinco volumes de Mamede Mustafa Jarouche, o *Livro das Mil e Uma Noites*, abarcando um dos propósitos do debate do I Encontro de Estudos Árabes em Diálogo (abordar e difundir a cultura árabe, bem como sua literatura, história, conexões e novas perspectivas). A discussão da literatura feminina e do diálogo traçado serão apresentados com o auxílio de teóricos tais como Mikhail Bakhtin (2002) e Marina Colasanti (*A ESCRITA...*, 2020), qualificados por José Luiz Fiorin (2018), Lúcia Castelo Branco (1991), Monique Wittig (1992) entre outros.

Palavras-chave: Livro das mil e uma noites; Eva Luna; Escrita feminina; Dialogismo.

⁹⁴ Graduação em letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Mestrado em Literatura e Crítica Literária pela PUC/SP e Doutorado em Estudos Literários pela UNESP. Docente de Língua Portuguesa e Inglesa no Centro Paula Souza.

Meu Líbano foi uma mulher: uma pesquisa autobiográfica em arte

Luiza Domingos Barra⁹⁵

Meu Líbano foi uma mulher: minha avó, território sem contornos. Nasceu no Brasil, de pais imigrantes libaneses, casou-se com um filho de libanês e teve cinco filhos. A primeira filha é minha mãe. Cresci olhando para longe, sentindo o sabor de uma terra que nenhuma de nós pisou, e me perguntando sobre o que é ser mulher e árabe até que me tornei artista. Esta comunicação busca apresentar o projeto de pesquisa atualmente em desenvolvimento no doutorado, assim como o trabalho realizado durante o mestrado, cujo objetivo foi a criação de obras em artes visuais a partir de fotografias do acervo familiar – incluindo registros feitos no Líbano nos anos 1950 e colecionados por minha bisavó desde sua imigração para o Brasil. A dissertação, intitulada *Ser Mil e Uma: imagens dançaram em seus próprios tempos até chegarem a mim*, configurou-se como uma Pesquisa Autobiográfica em Arte, fundamentada na proposta de Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (2021), e dialogou com a noção de autoficção segundo Nelson Guerreiro (2011). Inserida na linha de pesquisa Poéticas Artísticas e Processos de Criação e vinculada ao Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas (NuPAA), na linha materialidades e imaterialidades autobiográficas, a pesquisa apropriou-se dessas imagens com um propósito poético, refletindo sobre identidade, gênero e pertencimento, ao mesmo tempo em que problematizou estereótipos orientalistas na História da Arte Ocidental e na Cultura Visual. A análise teórica teve como base a obra *Orientalismo*, de Edward Said (2007), empregando seus conceitos para investigar discursos e epistemologias eurocêntricas. Por fim, inspirada pela ideia de um “modo feminista de desarquivar”, proposta pela historiadora Luana Saturnino Tvardovskas (2021), a produção artística resultante abrange livros de artista, fotografia, performance e vídeo.

Palavras-chave: Poéticas Artísticas; Pesquisa Autobiográfica em Arte; Feminismo Decolonial; Orientalismo; Arte Contemporânea Árabe.

⁹⁵ Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação Arte e Cultura Visual na Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG), na linha de pesquisa Poéticas Artísticas e Processos de Criação. Sua pesquisa percorre os estudos autobiográficos na arte relacionados à ancestralidade árabe e aos feminismos. Integrante do Grupo de Pesquisa Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas (NuPAA/UFG/CNPq). Participa das atividades do Centro de Estudos Árabes e Islâmicos da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e do Grupo de Pesquisa Feminismos nas Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU/CNPq). Possui Licenciatura em Artes Visuais (2018) e Bacharelado em Artes Visuais (2019) pela Universidade Federal de Uberlândia (IARTE/UFU).

Vagabundagens no “Oriente”: a trajetória de mulheres viajantes por regiões muçulmanas no século XIX e início do XX

Paula Carolina de Andrade Carvalho⁹⁶

Esta pesquisa da área de História é um estudo sobre identidades, relações de alteridade e questionamentos sobre o conceito de diferença. No centro disso, as figuras de mulheres viajantes: as britânicas Lady Hester Stanhope (1776-1839), Gertrude Bell (1868-1926) e Freya Stark (1893-1993), a jamaicana Mary Seacole (1805-1881), as suíças Isabelle Eberhardt (1877-1904) e Annemarie Schwarzenbach (1908-1942), e a francesa Jane Dieulafoy (1851-1916). Este projeto visa compreender a forma como essas sete mulheres viajantes de diferentes nacionalidades, origens, raças e sexualidades representavam e se relacionavam com os habitantes dos territórios islamizados pelos quais se deslocaram ao longo dos séculos XIX e XX, durante a chamada Era dos Impérios. Nesse estudo sobre representações, pretende-se também verificar se elas seguiam os tropos imperialistas, colonialistas e racistas da literatura da época, e se seguiam ou não a tradição da literatura da vagabundagem/vagabondage preconizada pela pesquisadora irlandesa Dúnlaith Bird, em que as subjetividades são criadas ao longo desses deslocamentos, articulando também os conceitos de mundialidade de Edouard Glissant, planetaridade e zona de contato de Mary Louise Pratt, e orientalismo, representação e “teoria que viaja” de Edward Said. Ao mesmo tempo, mostram como a viagem pode ser em si uma forma de adquirir conhecimento, seguindo a ideia de uma epistemologia baseada no estar em movimento.

Palavras-chave: Mulheres viajantes; Vagabundagem; Imperialismos, Colonialismos; Islã.

⁹⁶ Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da EFLCH-Unifesp.

O Feminismo como Fundamento da Libertação Nacional: uma análise da atuação de Huda Charawi e Nabawiya Mussa na luta anticolonial egípcia da primeira metade do século XX

Vitória Perpétuo Bruno⁹⁷

A presente pesquisa de Doutorado se propõe a discutir, através das obras de memórias autobiográficas e da propagação de periódicos feministas no Egito na primeira metade do século XX, a inserção de de Huda Charawi e Nabawiyya Mussa no movimento intelectual de contestação da dominação europeia e a articulação das demandas femininas na elaboração de uma nação autônoma, em um contexto de articulação de movimentos anticoloniais e disputa pelo poder político e ideológico - entre liberais-nacionalistas e fundamentalistas islâmicos. A pesquisa leva em consideração a centralidade dos intelectuais, no movimento conhecido como *al-nahda*, na construção do pensamento contestatório egípcio e dos países do Levante, e busca se aproximar dos debates públicos que consolidaram o pensamento anticolonial egípcio no recorte compreendido entre 1914 a 1947. Dessa forma, há a intenção de analisar as obras autobiográficas e a atuação de Huda Charawi e Nabawiyya Mussa com o objetivo de compreender como estas mulheres pensavam o paralelismo entre a libertação nacional e feminina além de investigar, por meio de uma revisão bibliográfica, a formação e consolidação do partido nacionalista Hizb al-Wafd, tendo como foco a participação da ala feminista na organização. Assim, a pesquisa busca colaborar com os estudos árabes acerca da formação nacional e da mobilização de intelectuais na luta anticolonial do Egito ao questionar se, através dos registros de memórias e dos periódicos em que publicavam, é possível delimitar qual foi o papel de tais autoras na construção do nacionalismo egípcio.

Palavras-chave: nacionalismo egípcio; anticolonialismo; feminismo; autobiografias; periódicos.

⁹⁷ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História Econômica, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

O feminismo árabe: seu protagonismo e seus impactos na sociedade

Salam Naser Zidan⁹⁸

Este trabalho tem como objetivo explorar o feminismo no contexto árabe, destacando especialmente sua origem, suas conquistas no âmbito político e social, bem como suas intensas batalhas. A proposta busca contribuir para os debates relacionados ao tema, além de desconstruir preconceitos em torno das mulheres árabes, que frequentemente são interpretadas de forma equivocada pela sociedade global. Apesar dos avanços socioculturais alcançados em uma realidade profundamente enraizada no conservadorismo, machismo e patriarcado, é essencial enfatizar a relevância do movimento feminista para a vida de cada mulher. Por meio de relatos de experiências de ativistas árabes e de estudos socioculturais que fundamentam a discussão, percebe-se que o feminismo no mundo árabe apresenta uma diversidade de vertentes, mas que converge em um objetivo comum: a emancipação feminina, pautada na dignidade e na igualdade de gênero. O feminismo árabe não se limita apenas à luta por equidade de gênero; ele também visa a libertação de uma sociedade historicamente marcada pela colonização, que ainda hoje enfrenta os reflexos de disputas de poder entre nações colonizadoras. É importante destacar que a compreensão do contexto cultural e histórico que molda os países árabes é indispensável para entender sua sociedade. Diversos episódios e movimentos revolucionários no Oriente Médio tiveram as ativistas árabes como protagonistas, desempenhando papéis cruciais nos desdobramentos políticos e sociais que contribuíram para o progresso socioeconômico da região, como ocorreu durante a Primavera Árabe. Assim, é fundamental que a sociedade reconheça que este movimento engloba reivindicações indissociáveis de uma realidade marcada pela opressão patriarcal, conservadora e colonialista.

Palavras-chave: Feminismo árabe; Primavera árabe; Ativistas árabes.

⁹⁸ Mestre, UFRJ.

Palestina e colonialismo de assentamento

Angela Lano⁹⁹

Desde os meados da década de 1990, o paradigma colonial ganhou destaque nos estudos sobre a Palestina. Os estudos coloniais de assentamento inauguraram uma série de estudos comparativos que colocam Israel em confronto com as práticas de desapossamento e incorporação violenta realizadas por outros colonizadores ocidentais. Os debates emergentes sobre a validade e aplicabilidade do paradigma colonial ao contexto da Palestina (liderados por alguns estudiosos, por exemplo, Edward Said, Rashid Khalidi, Ilan Pappé, etc.) marcam uma mudança intelectual e epistemológica significativa. O sionismo deve ser percebido como um movimento colonial estruturado pela lógica da eliminação das populações indígenas, a fim de estabelecer colônias judaicas sobre as terras limpas à força. A comparação entre a limpeza étnica dos nativos americanos (Norte e Sul) e dos palestinos é pertinente. Ferramenta útil pode ser a comparação entre as práticas de espoliação e as ideologias usadas para justificá-las: os mitos recorrentes dos colonizadores, como o da terra virgem ou da “terra sem povo para um povo sem terra”, as reivindicações do “excepcionalismo histórico”, etc. O massacre feroz de mulheres e crianças em Gaza e o genocídio crescente de jovens palestinos no resto da Palestina histórica, a repressão igualmente feroz de manifestações pró-Palestina nos EUA e na Europa, revelam como o colonialismo ocidental nunca terminou.

Palavras-chave: Palestina; sionismo; colonialismo; settler colonialism.

⁹⁹ Docente, NEPAI-CEAO/UFBA.

O genocídio palestino sob a perspectiva do Direito Internacional

Giovanna Albuquerque Apolinario¹⁰⁰

A crise humanitária na Palestina tem sido marcada por inúmeras violações de direitos humanos, resultando em mortes, deslocamentos forçados, ataques indiscriminados e a destruição de infraestruturas vitais. Diante disso, tem-se observado uma inércia nas ações de grandes instituições internacionais, como a ONU, a União Europeia e o Tribunal Penal Internacional, com o argumento de que não há evidências de que os ataques constituam genocídio, mas sim uma resposta ao grupo de resistência Hamas, acusando-os de terrorismo. O argumento persiste apesar de o direito internacional carecer de um conceito sólido de terrorismo, enquanto, por outro lado, existem fundamentos legais estabelecidos em relação a ataques indiscriminados e uma definição clara de genocídio desde a Convenção de 1948 para a Prevenção e Repressão do Crime de Genocídio. E as consequentes violações reforçam a ineficácia da política internacional no processo da autodeterminação palestina, os graves crimes de guerra ocorridos em Gaza, as restrições à ajuda humanitária, o apoio militar e político de grandes potências, e a ilegalidade dos assentamentos israelenses. Os interesses políticos e econômicos das grandes potências, que financiaram a guerra, desempenham um papel extremamente significativo, sendo essas potências responsáveis pela disseminação de informações tendenciosas e sensacionalistas que ocultam os fatos. Jornalistas palestinos e correspondentes internacionais são alvos de Israel, o que leva à supressão da liberdade de imprensa, dificultando a aplicação de pressão social sobre essas grandes instituições. Os interesses políticos e econômicos desvirtuaram o propósito legal do regime jurídico internacional em favor dessas grandes potências, resultando no massacre ou deslocamento forçado de milhares de palestinos, enquanto Israel, uma das maiores potências militares do mundo, viola inúmeras disposições, tratados, convenções e resoluções internacionais, mas continua a receber apoio político e econômico das maiores potências do mundo, assim como de empresas privadas, contribuindo diretamente e legitimando o extermínio do povo palestino.

Palavras-chave: Palestina; direito internacional; direitos humanos; crise humanitária; genocídio; tratados internacionais; convenções internacionais.

¹⁰⁰ Membro do Centro de Estudos Árabes e Islâmicos da Universidade Federal do ABC (UFABC).

Ressonâncias da Palestinidade entre os Espaços de Intimidade: a “Casa” e a “Causa” e os Modelos Exemplares

Paulo André Ribas Corrêa¹⁰¹

Esta apresentação traz uma análise das ressonâncias da palestinidade entre espaços de pertencimento. A partir do envolvimento etnográfico com uma família de ascendência palestina, procura-se descrever as trajetórias traçadas pelos sujeitos na construção de si mesmos como um tipo específico de pessoa. Utilizando os conjuntos conceituais-ideológicos da antropologia da ética das virtudes, analisa-se cenas e outros momentos etnográficos que convidam reflexões sobre a relação entre palestinidade e parentesco, com ênfase nas ressonâncias e tensões entre os espaços de intimidade familiar e os espaços políticos exteriores. A palestinidade, definida ora como uma “tradição” ora como um “espaço subjuntivo”, é entendida aqui como uma categoria altamente política (e politizada). Não obstante, evoca-se uma compreensão mais dinâmica e abrangente da categoria “política”, destacando que esta inclui não apenas as práticas próprias das organizações ou instituições de representação, mas também questões cotidianas que envolvem temas profundos relacionados às relações familiares e aos modelos exemplares. A partir disso, busca-se demonstrar como a palestinidade está imbricada com múltiplas esferas de interação, desde uma perspectiva pessoal e íntima até aspectos mais amplos e comunitários. A partir de duas cenas etnográficas, procuro refletir sobre como a família se estabelece como lugar primordial a partir do qual as lealdades e os repertórios políticos mais básicos são forjados.

Palavras-chave: Palestinidade; Espaços de Intimidade; Parentesco; Antropologia da Ética e das Moralidades.

¹⁰¹ Doutorando, Universidade Federal de Santa Catarina.

Freud x Balfour: a propósito de um “Estado judeu” na Palestina

Pedro Lima Vasconcellos¹⁰²

Em carta de 26/02/1930 Freud, sustentando os princípios de suas descobertas, confronta diretamente os termos utilizados na chamada “Declaração Balfour” (sobrenome de notória figura do governo britânico em 1917) a respeito da criação, na Palestina, de um “lar nacional” para o povo judeu, afirmando a inviabilidade de um projeto desta monta. Ela representa um reposicionamento decisivo do “pai da Psicanálise”, que em momentos anteriores manifestara simpatia pelas ações britânicas na região, tendo chegado a ser nomeado conselheiro da recém-inaugurada Universidade Hebraica de Jerusalém (junto com Einstein, Buber e outros). Mas um conjunto de iniciativas ocorridas em 1929, destinadas a desfigurar a paisagem cultural e religiosa na Palestina em geral e em Jerusalém de modo específico, viabilizando a ocupação sionista do território e a marginalização de sua população autóctone não só indicou para olhares atentos a irreversibilidade de um quadro em que as tensões opondo os grupos em questão só se agravaram como evidenciou o tamanho das forças envolvidas neste projeto anunciado pela referida “declaração”, decididas a estabelecer uma situação de fato que acabe por impor um “Estado judeu” na região. Convidado a envolver-se em campanhas que corriam na Europa em prol das demandas sionistas, Freud responde opondo-se a elas, entendendo serem elas motivadas por “uma esperança injustificada”, que vem alimentando “um povo perturbado”. A presente comunicação comenta o teor geral da carta, expõe as circunstâncias que a motivaram, destaca algumas de suas expressões mais significativas, bem como o ocultamento a que ela foi submetida. Finalmente expõe algumas tentativas, no âmbito da academia, em minimizar a relevância de um escrito em que o sionismo aparece como expressão de “fanatismo” e de “uma piedade mal interpretada”, que “desafia os sentimentos dos habitantes da região”.

Palavras-chave: Freud; sionismo; lugares santos; Estado judeu; Palestina.

¹⁰² Docente na Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Constelações do terrorismo-narrativo: subversão contra a colonialidade sionista

Rodrigo Castro¹⁰³

Constelações do terrorismo-narrativo: subversão contra a colonialidade sionista propõe uma análise crítica das narrativas audiovisuais produzidas por criadores palestinos/os, com o objetivo de subverter o conceito de terrorismo associado ao povo palestino e desconstruir a colonialidade sionista. O estudo parte do ataque do Hamas a Israel em 7 de outubro de 2023 e da resposta violenta das Forças de Defesa de Israel (FDI), que intensificou o conflito histórico entre Israel e Palestina, destacando a categorização do Hamas como grupo terrorista por parte de Israel, EUA e Europa, em contraste com a visão da ONU, do Brasil e alguns outros países, que o consideram um movimento político. O projeto utiliza o conceito de “terrorismo-narrativo”, introduzido pela personagem principal do filme *No futuro, eles comiam da melhor porcelana*, de Larissa Sansour, para analisar obras imagéticas que contestam a narrativa sionista e a estereotipização dos palestinos como terroristas. Essas narrativas audiovisuais operam em uma temporalidade perturbada, característica da experiência palestina, e promovem a resistência anticolonial. O *corpus* de análise inclui documentários, ficção-científica e ensaios fotográficos, como os de Bisan Owda, Larissa Sansour, Darin J. Sallam, Ahlam Shibli e Karimeh Abbud. O projeto é baseado em autores como Edward Said, Ilan Pappé, Nelson Maldonado-Torres e Rita Segato, que discutem a colonialidade, o orientalismo e a temporalidade perturbada da experiência palestina. A metodologia proposta envolve constelação das imagens, que tensiona as diversas linguagens artísticas e suas temporalidades para interpretar as obras como um corpo único, mas não unidimensional. Ao subverterem o conceito de terrorismo e contestarem a colonialidade sionista, as narrativas oferecem novas possibilidades de interpretação da história palestina e promovem a luta pela soberania e autodeterminação.

Palavras-chave: Terrorismo-narrativo; colonialidade sionista; resistência palestina; narrativas audiovisuais; temporalidade perturbada.

¹⁰³ Egresso, Universidade Federal de Ouro Preto.